Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Isabela Batista Coutinho

Realocação do bairro piscatório de Esmoriz: infraestruturas de pertença

junho de 2026

Realocação do bairro piscatório de Esmoriz: infraestruturas de pertença
Isabela Batista Coutinho
UMinho | 2026

Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Isabela Batista Coutinho

Realocação do bairro piscatório de Esmoriz: infraestruturas de pertença

Trabalho de Projeto
Mestrado Integrado em Arquitetura
Cidade e Território

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Rute Alexandra Santos da Silva Carlos

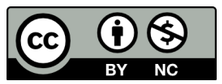
junho de 2026

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial
CC BY-NC
https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à professora Rute pela orientação e ajuda durante todo o semestre. Agradeço à comunidade do bairro piscatório de Esmoriz, pela abertura e simpatia em conversar sobre a vida e a história local. Agradeço ao comité: Laura, Daniela, Isabella, Beatriz, Margarida, Rui e Juliana, pela amizade e apoio que me deram durante estes longos cinco anos. Agradeço ao Neves, por todos os momentos.

Agradeço à minha família e, sobretudo, aos meus pais, que sempre me apoiaram de forma excepcional durante o meu percurso académico. Obrigada.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter agido com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que nao recorri à prática de plágio nem de qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das estapas conducente à sua elaboração.
Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Ética e Conduta da Universidade do Minho.

DECLARAÇÃO DE USO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA)

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri a qualquer forma de utilização indevida de ferramentas de Inteligência Artificial (IA), nem à falsificação ou omissão de informações, fontes, dados, resultados ou processos em nenhuma das etapas conducentes à sua elaboração.

Declaro ainda que qualquer utilização de ferramentas de IA foi feita de forma transparente e responsável, encontrando-se devidamente assinalada/descrita no trabalho, e que procedi à verificação crítica da exatidão do conteúdo produzido com o seu apoio, assumindo integralmente a responsabilidade pelo que submeto.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Ética e Conduta da Universidade do Minho, bem como as normas aplicáveis de integridade académica e de proteção de dados.

Realocação do bairro piscatório de Esmoriz: infraestruturas de pertença

RESUMO

O presente trabalho analisa a comunidade piscatória de Esmoriz como base para uma proposta urbana e arquitetónica orientada por princípios de decrescimento, identidade e autonomia. Perante a progressiva perda da orla costeira, a proposta centra-se na realocação da primeira faixa da costa, preservando as dinâmicas sociais e as formas de habitar do Bairro dos Pescadores. A investigação baseou-se numa análise teórica, histórica e observação in situ, permitindo identificar padrões da malha urbana informal, como pátios, crescimento por adição e forte relação entre espaço público e privado.

A reflexão desenvolvida procura compreender de que forma o projeto arquitetónico pode intverir em contextos vulneráveis sem comprometer os modos de vida existentes. Neste sentido, a proposta valoriza estratégias de adaptação progressiva e a relação entre habitação, comunidade e território.

O projeto também assume a importância da memória coletiva enquanto elemento estruturador da intervenção, reconhecendo a identidade piscatória como unidade própria. A continuidade das práticas quotidianas e das relações de vizinhança torna-se, assim, fundamental para garantir a permanência da comunidade perante as transformações ambientais e territoriais.

Assim, a proposta define uma grelha flexível que permite uma coesão social, continuidade identitária e soluções a nível ambiental, simultaneamente que explora a unidade habitacional enquanto dispositivo de pertença da comunidade.

Palavras-chave: Decrescimento; Comunidade Piscatória; Erosão Costeira; Memória Coletiva

STATEMENT OF INTEGRITY

I hereby declare having conducted this academic work with integrity. I confirm that I have not used plagiarism or any form of undue use of information or falsification of results along the process leading to its elaboration.

I further declare that I have fully acknowledged the Code of Ethics and Conduct of the University of Minho.

DECLARATION ON THE USE OF ARTIFICIAL INTELLIGENCE (AI) TOOLS

I hereby declare having acted this academic work with integrity and confirm that I have not resorted to any form of undue use of AI tools, nor to the falsification or omission of information, sources, data, results or processes in any of the stages leading to its elaboration.

I further declare that any use of AI tools was done in a transparent and responsible manner, being duly noted in the work, and that I critically verified the accuracy of the content produced with their support, assuming full responsibility for what I submit.

I further declare that I have fully acknowledged the Code of Ethics and Conduct of the University of Minho, as well as the applicable standards of academic integrity and data protection.

Relocation of the Fishing Neighbourhood of Esmoriz: Infrastructures of Belonging

ABSTRACT

The present work analyses the fishing community of Esmoriz as the basis for an urban and architectural proposal guided by principles of degrowth, identity, and autonomy. Faced with the progressive loss of the coastal shoreline, the proposal focuses on the relocation of the first coastal strip, preserving the social dynamics and ways of inhabiting the Fishermen's Neighbourhood. The research was based on theoretical and historical analysis and in situ observation, allowing the identification of patterns within the informal urban fabric, such as courtyards, growth by addition, and a strong relationship between public and private space.

The developed reflection seeks to understand how the architectural project can intervene in vulnerable contexts without compromising existing ways of life. In this sense, the proposal values strategies of progressive adaptation and the relationship between housing, community, and territory.

The project also assumes the importance of collective memory as a structuring element of the intervention, recognising the fishing identity as its own unit. The continuity of everyday practices and neighbourhood relationships thus becomes fundamental in ensuring the permanence of the community in the face of environmental and territorial transformations. Thus, the proposal defines a flexible grid that enables social cohesion, continuity of identity, and environmental solutions, while simultaneously exploring the housing unit as a device of community belonging.

Keywords: Degrowth; Fishing Community; Coastal Erosion; Collective Memory

ÍNDICE:

OBJETIVOS | METODOLOGIA | ESTRUTURA - 1

FASE 1

ESMORIZ - 6

ENTRE A TERRA E O MAR - 9

A COSTA - 12

O BAIRRO PISCATÓRIO DE ESMORIZ - 14

AS TRANSFORMAÇÕES NA MALHA URBANA - 29

AS VIVÊNCIAS - 41

ESPAÇOS INTERMÉDIOS- 45

INTERIOR DOMÉSTICO - 47

PRIMEIRO MOMENTO - 48

JORNAL A VOZ DE ESMORIZ - 55

SEGUNDO MOMENTO - 60

A PERTENÇA - 71

FASE 2

INFRAESTRUTURAS DE PERTENÇA - 89

REALOCAÇÃO DA PRIMEIRA FAIXA DA COSTA - 95

MALHA URBANA - 99

UNIDADE HABITACIONAL - 108

FINAL - 125

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - 128

CRÉDITO DE FIGURAS - 130

ANEXOS - 132

ÍNDICE DE FIGURAS

F01 - Vista aérea de Esmoriz - 7
F02 - Planta de elementos territoriais de destaque em Esmmoriz - 10
F03 - Planta esquemática do recuo da costa de Esmoriz entre 1954 e 2007 - 13
F04 - Imagem de um dos interstícios urbanos de Esmoriz - 15
F05 - Planta de análise geral do bairro piscatório de Esmoriz - 18
F06 - Planta de análise viária do bairro piscatório de Esmoriz: percursos pedonais, vielas e ruas - 20
F07 - Planta de análise da porosidade do solo do bairro piscatório de Esmoriz - 22
F08 - Planta de análise das construções informais do bairro - 24
F09 - Esquemas das tipologias do bairro - 27
F10 - Planeamento urbano para Esmoriz, 1902 - 31
F11 - Fotomontagem de sobreposição das cartas militares de Esmoriz -33
F12 - Fotomontagem de sobreposição das cartas militares de Esmoriz -35
F13 - Fotomontagem de sobreposição das cartas militares de Esmoriz - 37
F14 - Fotografia de vivências - 43
F15 - Fotografia de um espaço intermédio - 44
F16 - Fotografia de um palheiro de Esmoriz - 49
F17 - Planta esquemática do interior dos palheiros - 51
F18 - Mapeamento dos palheiros existentes de Esmoriz - 51
F19 - Conjunto de imagens e levantamentos dos palheiros de Esmoriz - 52
F20 - Fotomontagem do jornal A Voz de Esmoriz - 56
F21 - Fotografia da paredede um Cafe em Esmoriz - 58
F22 - Fotografia do interior do bairro piscatório - 61
F23 - Planta esquemática das mudanças na casa de uma moradora de Esmoriz ao longo do tempo - 63
F24 - Levantamento das vivências na casa de uma moradora, passado - 64
F25 - Levantamento das vivências na casa de uma moradora, atual - 66
F26 - Fotografia do quintal da moradora - 68
F27 - Corte síntese das vivências do bairro piscatório - 72

F28 - Levantamento fotográfico do ambiente de Esmoriz - 78
F29 - Levantamento fotográfico do ambiente de Esmoriz - 80
F30 - Levantamento fotográfico do ambiente de Esmoriz - 82
F31 - Levantamento fotográfico do ambiente de Esmoriz - 84
F32 - Esquema dos elementos da pertença que formam a estratégia de intervenção - 92
F33 - Esquema que demonstra área realocada e área de intervenção - 96
F34- Lógica dos elementos-base da nova malha urbana - 101
F35 - Planta que demonstra porosidade do solo e loteamentos da área a ser realocada -103
F36 - Esquemas com lógica de assentamento da malha urbana e dimensões dos lotes - 103
F37 - Esquemas de hipóteses de agregação da malha urbana - 105
F38 - Planta de localização da proposta - 106
F39 - Esquemas lógica do programa interior - 109
F40 - Sistema construtivo da proposta - 111
F41 - Pormenor da unidade habitacional - 112
F42 - Planta que representa as vivências no novo bairro - 114
F43 - Corte que sintetiza as vivências do novo bairro - 116
F44 - Comparação entre bairro piscatório e proposta - 120
F45 - Azulejo presente num dos cafés do bairro piscatório - 126
F46 - Inventário dos palheiros de Esmoriz em caderno de desenhos - 132
F47 - Fotografia do palheiro verde de Esmoriz - 132
F48 - Inventário dos palheiros de Esmoriz em caderno de desenhos - 133
F49 - Fotografia do palheiro verde de Esmoriz - 133
F50 - Fotografia de plantas antigas da casa de uma moradora de Esmoriz - 134
F51 - Fotografia de plantas antigas da casa de uma moradora de Esmoriz - 135
F52 - Fotografia do esquema de vivências da casa de uma moradora - 136
F53 - Esquissos iniciais que deram origem ao projeto de tese - 138
F54 - Fotografias do exterior do café Barra Mar's - 140

OBJETIVOS | METODOLOGIA | ESTRUTURA

O presente trabalho surge a partir das reflexões realizadas durante o primeiro semestre, no qual o tema do decrescimento foi estipulado em conjunto como proposta de reflexão. A investigação iniciou-se em grupo, em conjunto com as alunas Isabella Borges e Margarida Silva, através da análise de estratégias de decrescimento aplicadas ao território e às dinâmicas urbanas, procurando compreender modelos alternativos de ocupação, produção e organização comunitária.

A partir desta abordagem inicial, o objetivo da investigação transformou-se na relação entre o habitar, as autonomias comunitárias e sistemas produtivos locais, reconhecendo a importância das estruturas sociais de proximidade enquanto formas de resistência e continuidade territorial.

Durante os estudos de grupo, a comunidade piscatória surgiu como objeto central de análise, por apresentar um forte senso de identidade com o lugar. Entre os diferentes contextos analisados, a comunidade piscatória de Esmoriz adquiriu particular relevância devido ao seu forte senso de pertença, evidenciado nas relações sociais, nas práticas quotidianos e na forma como o território é apropriado e vivido pela comunidade.

A análise desenvolvida durante esta fase constituiu uma base comum de investigação para o desenvolvimento individual das diferentes propostas dos integrantes do grupo. Apesar da autonomia de cada projeto, permanecem conexões conceituais e projetuais entre os trabalhos desenvolvidos, que podem ser identificados nas respetivas teses: *Infraestruturas de Pertença: (Re)naturalização da Costa Marítima de Esmoriz*, de autoria de Isabella Borges, e *Infraestruturas de pertença: Um sistema de equipamentos para a comunidade do bairro piscatório de Esmoriz*, de autoria de Margarida Silva.

Partindo deste enquadramento, o trabalho pretender criar uma reflexão sobre como a arquitetura pode atuar como elemento de transição entre memória, pertença e continuidade comunitária nos processos de realocação e transformação territorial. Face às dinâmicas de deslocamento e às alterações da orla costeira que gradualmente comprometem os vínculos sociais e identitários das populações, o trabalho propõe uma perspetiva que ultrapassa a simples deslocação física dos habitantes, procurando garantir condições de continuidade através da preservação das relações de pertença e da vivência coletiva.

A problemática da realocação torna-se então relevante em contextos onde a deslocação física dos habitantes pode traduzir-se na fragmentação de redes sociais, especialmente no contexto atual onde as problemáticas ambientais influenciam drasticamente os territórios costeiros do país.

O principal objetivo da investigação consiste, assim, em desenvolver uma proposta de realocação capaz de contornar o problema da permanência, entendendo o habitar não apenas como ocupação espacial, mas como construção cultural, social e de memória. Neste sentido, pretende-se encontrar estratégias que valorizem a memória do lugar, as práticas quotidianas e as dinâmicas sociais existentes.

Em termos de metodologia, a investigação permea entre análise teórica e observação *in situ*. O trabalho baseia-se, por um lado, na consulta de documentos históricos e análises críticas que permitem relacionar os temas da memória, da comunidade e da habitação e, por outro, numa investigação *in situ* pormenorizada, fundamental para compreender as vivências locais, os modos de apropriação do espaço e as relações estabelecidas entre os habitantes e o território. Esta aproximação direta ao contexto permitiu relacionar as práticas, a memória e o senso de comunidade enquanto elementos estruturantes da presente proposta.

A estrutura do trabalho organiza-se em duas fases principais. A primeira corresponde ao momento de análise e investigação, onde é reconhecido o bairro piscatório em todas as suas facetas, através de referências teóricas e uma investigação extensiva dos elementos do território. A segunda fase explora a concretização da reflexão anterior, traduzindo os conhecimentos adquiridos numa intervenção arquitetónica orientada para a continuidade comunitária e para a construção de novos espaços de pertença.

Neste sentido, o habitar implica, para o presente trabalho, não apenas um instrumento de intervenção espacial, mas uma infraestrutura de continuidade das vivências, memória e identidade locais.

FASE 1

ESMORIZ


Rätal
F01

ENTRE A TERRA E O MAR

A freguesia de Esmoriz, situada a norte do concelho de Ovar, desenvolveu-se a partir de uma forte relação entre os sistemas naturais locais e as atividades produtivas da população. O seu território é marcado por diversos elementos da paisagem que, ao longo do tempo, condicionaram a ocupação da região e a sua estrutura urbana.

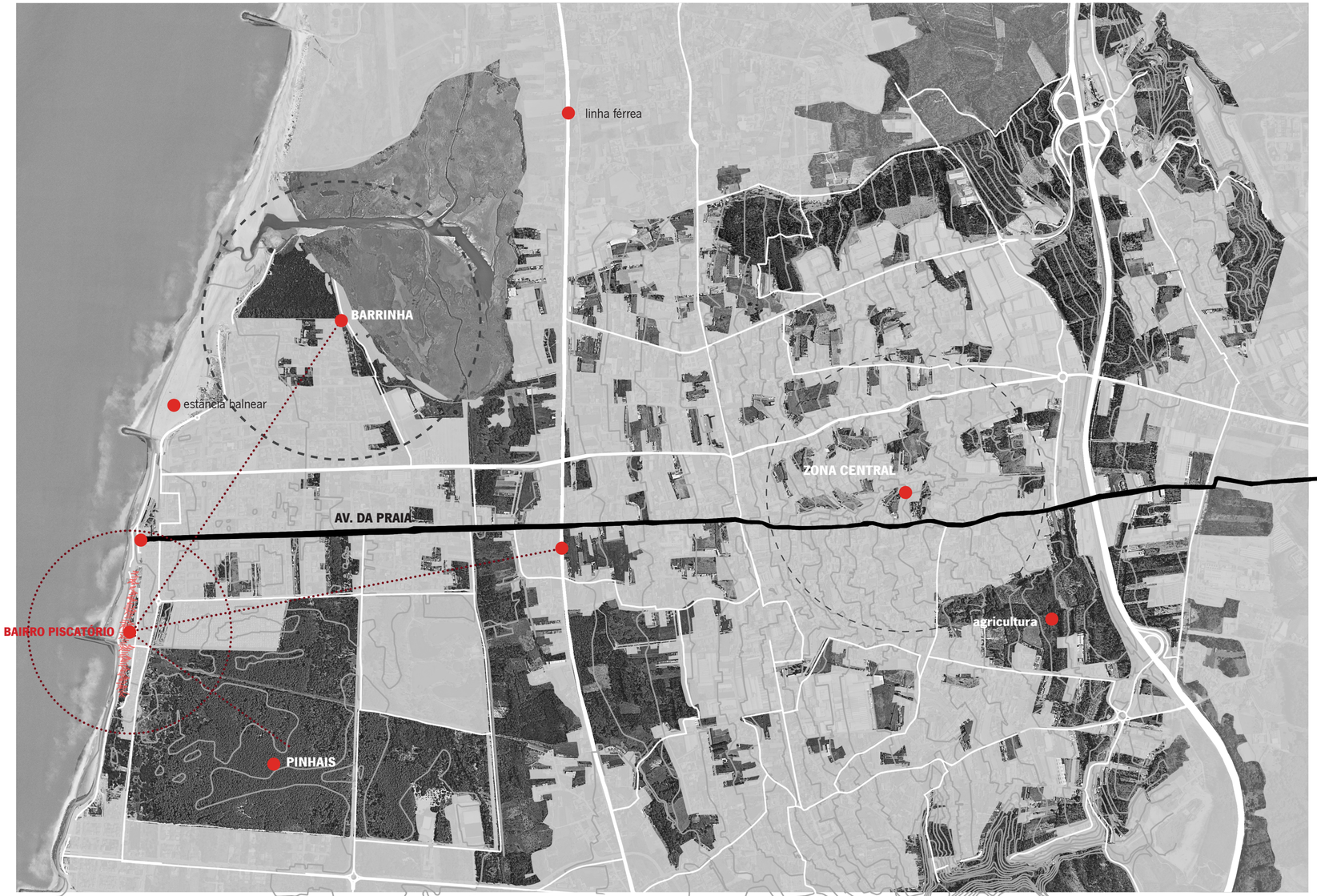
Um dos componentes naturais mais relevantes para o desenvolvimento da freguesia é a Lagoa de Esmoriz, também conhecida como Barrinha, representada na figura 02. Este sistema lagunar foi responsável pela subsistência das primeiras ocupações, fornecendo recursos ligados à pesca, ao moliço utilizado como fertilizante e à irrigação dos terrenos. A linha d'água que desemboca na lagoa também permitiu o desenvolvimento de uma forte atividade agrícola no interior, devido à fertilidade dos solos e fácil acesso à água.

A frente marítima constitui outro elemento primordial para a identidade urbana local e, juntamente com a Barrinha, permitiu o desenvolvimento da atividade piscatória na região. Entre a costa e o interior encontra-se ainda o cordão dunar e o sistema de pinhal, que auxiliam na proteção do território perante os constantes avanços do mar que se têm verificado nos últimos dois séculos. Os pinhais foram introduzidos com o objetivo de estabilizar as dunas e reduzir os efeitos da erosão costeira, funcionando como uma espécie de barreira natural.

A figura 02 representa estas diferentes condições territoriais, que refletem as duas organizações urbanas principais de Esmoriz: o núcleo interior da cidade e a zona costeira. O centro da freguesia é historicamente associado à agricultura, apresentando uma ocupação mais dispersa, com parcelas extensas, traçados menos regulares e um desenvolvimento mais permanente. Já a zona costeira desenvolve-se de forma distinta, resultando numa malha mais densa e estrutura viária muito regrada, expondo um desenvolvimento formal mais tardio e constantemente desestabilizado pela perda progressiva da costa. A ligação entre estes dois núcleos faz-se essencialmente através da Avenida da Praia, eixo estruturante que procura integrar duas zonas independentes.

Esta fragmentação da malha urbana iniciou-se com a fixação de pescadores oriundos de Ovar na praia de Esmoriz. Inicialmente constituído por poucas construções temporárias, este núcleo consolidou-se durante o século XIX, com o aumento da pesca na região e, posteriormente, com o crescimento balnear na praia, dando origem, no século XX, ao bairro piscótório, que apresenta uma estrutura urbana singular resultante de uma forte autenticidade cultural e ocupação informal.

Neste sentido, o bairro piscatório constitui um importante objeto de estudo não apenas pela sua identidade territorial e pelas formas particulares de ocupação do espaço, mas também pela vulnerabilidade que apresenta perante os processos de erosão costeira. A proximidade do mar colocou historicamente o bairro numa situação de constante mudança, sendo esta dualidade entre o problema da permanência e o vínculo com o território o elemento-base de investigação para o presente trabalho.



0 200 400 600m F02

A COSTA

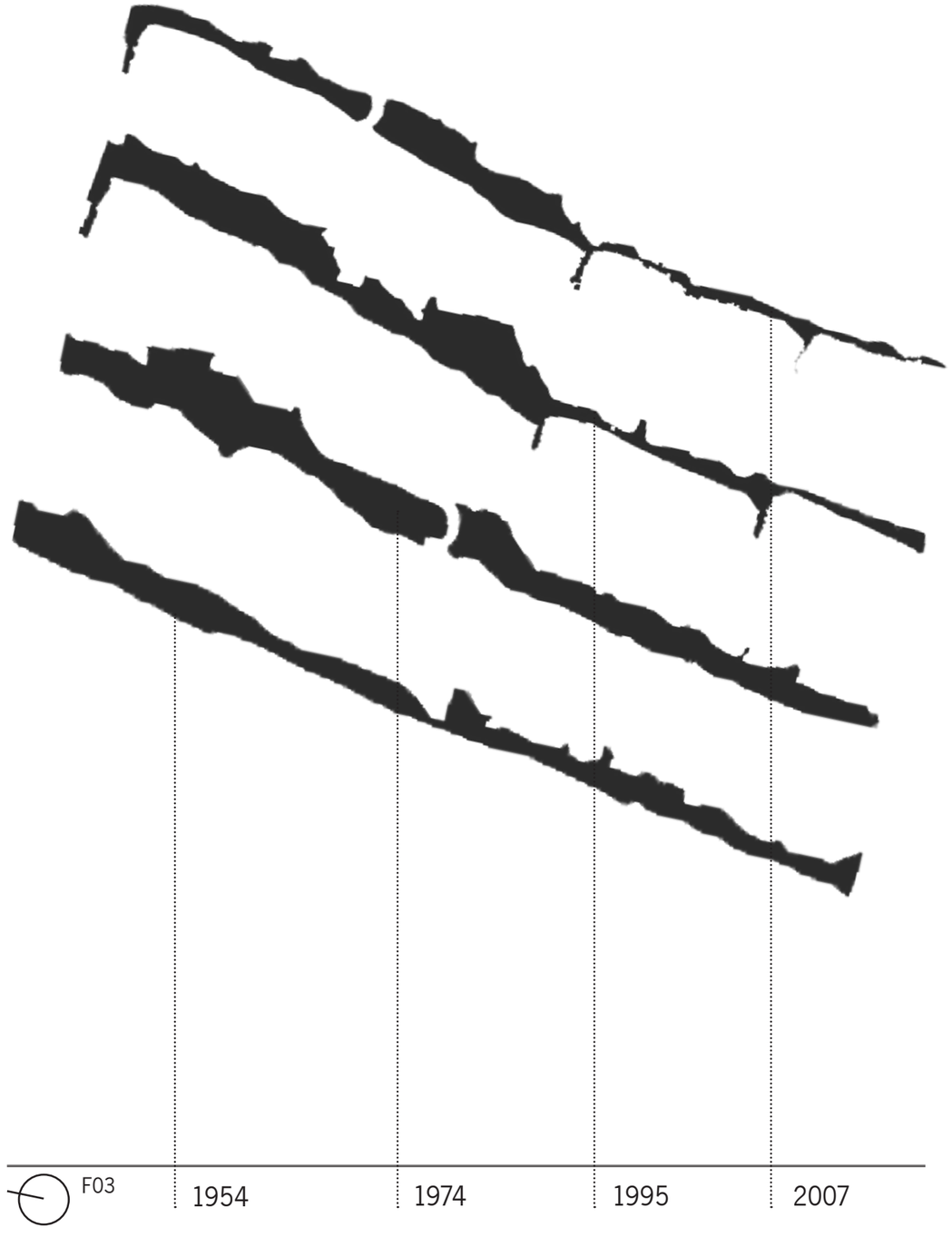
A costa de Esmoriz tem sido marcada, ao longo do último século, por um processo contínuo de erosão e perda territorial que transformou profundamente a relação entre a comunidade e o litoral. A proximidade ao mar, inicialmente responsável pelo desenvolvimento da pesca e pela consolidação do bairro piscatório, tornou-se progressivamente um fator de vulnerabilidade física e social, colocando em risco as habitações e formas de vida associadas à costa.

Entre 1947 e 1989, o recuo da linha de costa em Esmoriz foi de aproximadamente três metros por ano, provocando perdas graduais do território e obrigando ao recuo constante da ocupação urbana. Consequentemente, o século XX implicou diversos momentos de galgamento costeiro e inundações frequentes no bairro, levando à destruição parcial das construções e à necessidade de reavaliar a condição das habitações mais próximas do mar. Face ao agravamento da situação, surgiram na década de 1970 as primeiras obras de defesa costeira através da colocação de esporões ao longo da praia, com o objetivo de minimizar o impacto da erosão marítima.

Perante o agravamento desta situação, surge o Plano de Ordenamento da Orla Costeira (POOC), responsável pela definição de estratégias de proteção e regulamentação das áreas litorais mais vulneráveis. Assim, a frente marítima de Esmoriz passou a constituir uma zona de risco elevado, devido à proximidade ao mar e à fragilidade da ocupação urbana existente. Apesar das medidas de defesa implementadas ao longo das últimas décadas, a instabilidade da costa manteve a comunidade numa situação de vulnerabilidade permanente.

Tanto o PDM de Ovar quanto o POOC restringem a construção na frente marítima de Esmoriz, por se tratar de uma zona de risco de erosão, galgamento marítimo e inundação. O decreto de risco de zonas inundáveis demonstra que as áreas mais vulneráveis concentram-se precisamente junto à linha de costa e na região dunar ocupada ao longo do tempo pela expansão urbana informal, onde o bairro piscatório se localiza. Tal instabilidade da orla costeira e a previsão do aumento do nível do mar evidenciam a dificuldade de garantir a permanência desta comunidade no território a longo prazo.

Neste contexto, a questão da permanência transcende a dimensão física da habitação e passa a implicar uma questão cultural e identitária. O possível deslocamento da comunidade pressupõe não apenas a perda de construções ou de território, mas também a fragmentação de formas de habitar e das memórias profundamente enraizadas no lugar. Assim, o estudo do bairro piscatório de Esmoriz para o presente trabalho torna-se particularmente relevante para o reconhecimento da relação entre território, identidade e adaptação, visto que a deslocação das comunidades costeiras apresenta-se como uma possibilidade cada vez mais inevitável.



O BAIRRO PISCATÓRIO DE ESMORIZ

O Bairro Piscatório de Esmoriz localiza-se como charneira entre a malha urbana consolidada e o litoral, desenvolvolvendo-se paralelamente à linha da costa. Deste modo, as construções do bairro apresentam-se de forma progressiva na paisagem costeira; esta condição instável cria lógicas de ocupação específicas, profundamente relacionadas com a atividade piscatória desenvolvida na região.

A primeira ocupação dos pescadores em Esmoriz ocorreu no século XVIII, a partir da pesca e do cultivo na Lagoa de Paramos, também denominada Barrinha. Foi apenas durante a época da safra que os pescadores começaram a ocupar a praia para exercer a atividade piscatória. Assim, em condições favoráveis ou durante o verão, a pesca era realizada no mar, enquanto que no inverno ou em períodos de agitação costeira, os pescadores dedicavam-se ao plantio e à captura de enguias na Barrinha. A agricultura e a pesca, neste sentido, foram as primeiras atividades da comunidade, que conquistou uma forte autonomia a nível de subsistência.

Os pescadores estabeleceram-se primeiramente na zona sul da cidade, nomeadamente no Largo do Senhor dos Aflitos, através do eixo estruturante atual da Avenida da Praia. Inicialmente, instalaram-se em armazéns e casernas associados às companhias piscatórias, implantados nas dunas e construídos em pau-a-pique, apresentando um caráter temporário. No início do século XIX, entretanto, a abundância de pescado e o crescimento dos assentamentos costeiros levaram ao aparecimento dos primeiros núcleos habitacionais de ocupação permanente, denominados palheiros.

O aumento da população levou à construção da pequena capela do Senhor dos Aflitos e de Nossa Senhora da Boa Viagem, inaugurada em 1866, que terá sido provavelmente a primeira construção em pedra e cal na praia de Esmoriz. Contudo, a progressiva erosão costeira e os sucessivos avanços do mar conduziram ao seu abandono e destruição. Em 1948, foi construída a atual igreja do Senhor dos Aflitos, localizada mais a nascente e a uma maior distância da linha de costa relativamente à anterior, denunciando aqui os primeiros sinais concretos do problema da subida do mar para a permanência da comunidade piscatória.

O final do século XIX também foi marcado pela construção do caminho de ferro, que impulsionou o aparecimento de banhistas e introduziu uma outra dinâmica para a costa - a de estância balnear - constituindo um elemento fundamental para o desenvolvimento urbano da região. Apesar da estação ferroviária se localizar mais afastada da zona costeira, a existência da Barrinha permitiu o transporte de turistas de barco até à praia pelos próprios pescadores, indicando uma relação entre a comunidade e os visitantes que também influenciou a forma de ocupação local.

Neste sentido, torna-se relevante compreender como a forma atual do bairro reflete as dinâmicas de ocupação dos pescadores e pode servir de base para encontrar lógicas urbanas antigas e atuais.

F04

Assim, e num primeiro momento, é analisada a composição atual do bairro, nomeadamente o tecido urbano, os espaços ocupados e as lógicas de crescimento e ciruclação, com o objetivo de descodificar os aspetos formais e padrões urbanos que podem gradualmente revelar a identidade da comunidade. Pretende-se, aqui, reconhecer tipologias de ruas, habitações e vazios, identificando repetições que podem indicar uma lógica base ou, por outro lado, elementos de contraste que expõem dinâmicas específicas de ocupação.

O tecido urbano

A malha urbana do bairro se desenvolve enquanto unidade própria, visto que a sua configuração informal deriva de um crescimento gradual e resultante das adaptações dos moradores ao território. Apesar de apresentar uma malha irregular face ao restante tecido urbano recente de Esmoriz, esta revela uma coesão social muito forte, expressando dinâmicas urbanas particulares.

O bairro está inserido entre dois eixos estruturantes paralelos à Av. da Praia, nomeadamente a Av. Infante Dom Henrique e a Rua dos Pescadores, e é formado por quatro aglomerados principais, representados na figura 05: o conjunto construído entre as ruas Vasco da Gama e Diogo Cão (1); o núcleo central mais denso e informal do bairro (2); a restante ocupação já mais regular desenvolvida a sul da Rua dos Arrais (3) e os edificados mais próximos da linha costeira, pertencentes à zona prioritária de desocupação (4).

Estas unidades são constituídas por edificações de caráter permanente e anexos informais, resultantes das necessidades específicas dos moradores. Os equipamentos públicos existentes localizam-se essencialmente na primeira parcela do bairro, sendo o restante das construções privadas ou em estado de abandono. A planta permite identificar uma presença homogénea entre o edificado formal e a diversidade de anexos, sendo que os núcleos 2 e 3 exibem o maior número de construções informais.

lógicas de circulação

A circulação interior destes núcleos distingue-se da malha viária que os envolvente na medida que apresenta uma configuração espontânea de ruelas e percursos pedonais, estritamente vinculados com o processo de evolução ocupacional do bairro. A figura 06 destaca a presença de ruas de serviço para acesso a alguns loteamentos, bem como uma concentração de percursos pedonais nos dois núcleos menos regulares. Evidencia-se a relação direta entre a localização das ruelas e a formação dos anexos, que se desenvolvem enquanto conjunto na malha urbana e criam uma rede de circulação que privilegia a escala humana.

Espaços ocupados e desocupados

A análise das áreas de ocupação e desocupação (figura 07) demonstra que o bairro apresenta uma quantidade significativa de espaços exteriores, maioritariamente privados e impermeáveis. Os espaços permeáveis estão normalmente associados a áreas de cultivo pessoal ou jardins domésticos.

Observa-se um contraste entre a quantidade de áreas não edificadas e espaços públicos: enquanto a maioria dos vazios corresponde a solo privado, os espaços públicos desocupados são caracterizados apenas por percursos pedonais e pequenos pátios de transição entre ruelas e loteamentos, implicando uma relação informal entre a casa e a rua.

Identificar o bairro pela lógica inversa de vazios também revela uma condição singular dos assentamentos, que se comportam como unidade. Os espaços desocupados, apesar de maioritariamente privados, distribuem-se uniformemente pela malha do bairro, criando uma forma contínua.

Estrutura informal e lógicas de crescimento

A estrutura edificada do bairro deriva de um processo incremental, sendo o desenvolvimento atual uma consequência de diversas adições ao longo do tempo. A partir da observação *in situ* e de conversas diretas com os moradores, é possível inferir que o crescimento faz-se, em geral, por extensão direta das edificações existentes ou através de anexos independentes que se conectam com as construções originais através de pátios exteriores. Esta dinâmica reflete uma ocupação em permanente transformação, onde o tempo é um fator essencial de projeto.

Não só, é possível observar uma relação clara entre o módulo da rua, os anexos e o direcionamento dos lotes. Verifica-se que grande parte das dimensões dos anexos construídos coincide com o módulo das ruelas existentes, enquanto os lotes apresentam medidas que integram as dimensões das ruas principais. É através desta perceção da rua e casa enquanto elementos complementares que o bairro permite uma versatilidade de usos e espaços sem perder coerência urbana.

Os anexos enquanto estruturas informais apresentam, assim, particular destaque para a investigação do local e o estudo da sua variedade tipológica é fundamental para compreender as formas de crescimento e as necessidades específicas da comunidade, como será verificado mais adiante.



Análise geral da malha urbana do bairro, com destaque aos núcloes construtivos principais e topografia básica

1 - grelha regular
2 - núcleo mais denso
3 - núcleo menos denso
4 - zona da costa mais vulnerável

F05

0 30 60 90m

Análise geral da mobilidade urbana, com destaque às ruelas e percursos informais no núcleo do bairro.

malha viária principal

estrutura pedonal

ruelas e percursos informais

F06

0 30 60 90m

Análise geral da porosidade do solo; destaca-se grande percentual de espaços exteriores impermeáveis e outra parcela de espaços permeáveis par cultivo.

impermeável

pedonal

permeável

F07

0 30 60 90m

Análise das construções informais e de caráter permanente do bairro. Nota-se uma quantidade quase homogênea entre anexos e habitações formais.

permanente

informal (anexos)

F08

0 30 60 90m

Tipologias de anexos

A partir do desenho da malha urbana, é possível categorizar o conjunto de anexos encontrados no bairro através do seu uso e forma.

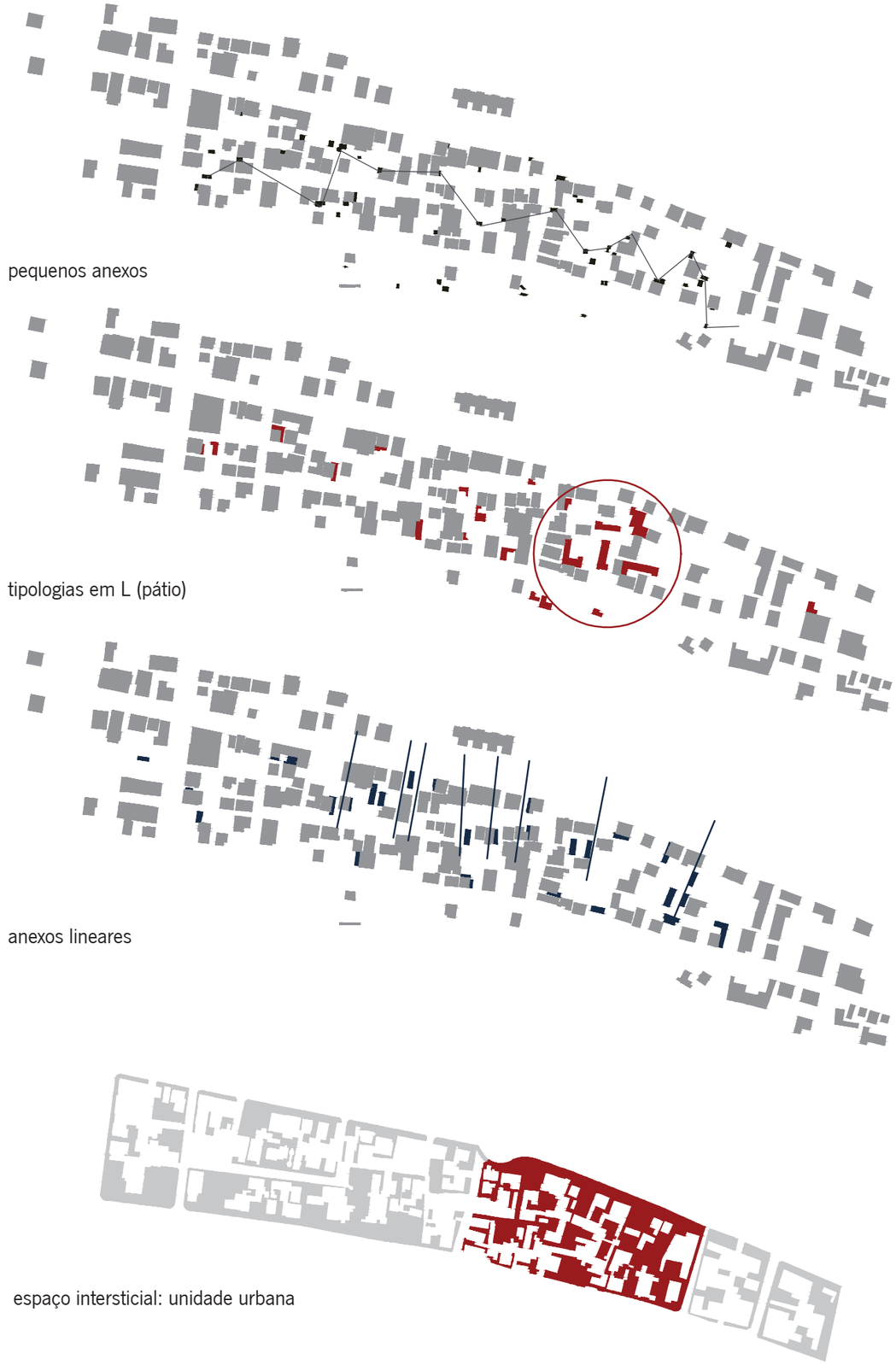
Em termos funcionais, os anexos são geralmente flexíveis e podem servir como ampliação da habitação existente (em casos de crescimento familiar ou reforma da edificação original), para a criação de novas habitações (necessidade de autonomia em relação à construção original) ou ainda como auxílio à habitação (anexos, arrumos, armazéns), neste caso apresentando-se conectados ou isolados da habitação principal.

Em termos formais, os anexos assumem predominantemente três tipologias - lineares; com planta em "L"; e pequenos anexos. As construções lineares são encontradas frequentemente no limiar dos loteamentos mais profundos, apresentando usos diversos e uma pequena conexão física para a habitação original.

Os anexos com planta em "L" são uma das tipologias mais comuns no núcleo informal do bairro e a sua forma gera pátios exteriores que se conectam com as habitações existentes. Podem servir como novas habitações ou como ampliações programáticas. Os pequenos anexos, por fim, são distribuídos uniformemente pelo bairro e costumam servir de auxílio à habitação, i.e. para armazenamento de ferramentas, arrumos ou oficinas.

O levantamento tipológico da malha informal demonstra que o desenvolvimento dos lotes é marcado pela flexibilidade construtiva e funcional, onde a massa densa de edificado dialoga com os espaços exteriores através da relação estreita entre pátios, anexos e percursos pedonais. A análise também permite o reconhecimento de que as construções não são fatores isolados, mas sim, o resultado de práticas familiares, relações de vizinhança, processos de produção e costumes. A forma final e a sua relação com o vazio expressa lógicas identitárias do bairro construídas ao longo do tempo.

F09



pequenos anexos

tipologias em L (pátio)

anexos lineares

espaço intersticial: unidade urbana

TRANSFORMAÇÕES DA MALHA URBANA

A análise anterior expõe uma condição importante do território: a planta que hoje caracteriza o bairro piscatório não surgiu de forma imediata ou planeada, mas consolidou-se progressivamente a partir das necessidades da comunidade e das sucessivas formas de ocupação da costa. Torna-se relevante, então, compreender o início do traçado urbano deste núcleo costeiro, com o objetivo de reconhecer as origens mais concretas das suas lógicas de implantação, crescimento e adaptação ao território.

O entendimento da evolução urbana do bairro exige uma leitura cronológica das sucessivas transformações da sua malha, particularmente num território marcado pela relação entre a ocupação piscatória, o sistema dunar e as tentativas de planeamento formal. Através da análise comparativa de diferentes cartografias históricas e cartas militares, é possível identificar momentos distintos de consolidação e reorganização espacial, que revelam não apenas alterações físicas no tecido urbano, mas também mudanças nas dinâmicas sociais e territoriais da comunidade.

Assim, os quatro momentos analisados a seguir permitem acompanhar o processo gradual de construção do bairro para compreender as motivações assentes nas ocupações informais e o que elas inferem acerca da identidade da comunidade.

O primeiro planeamento urbano de 1902

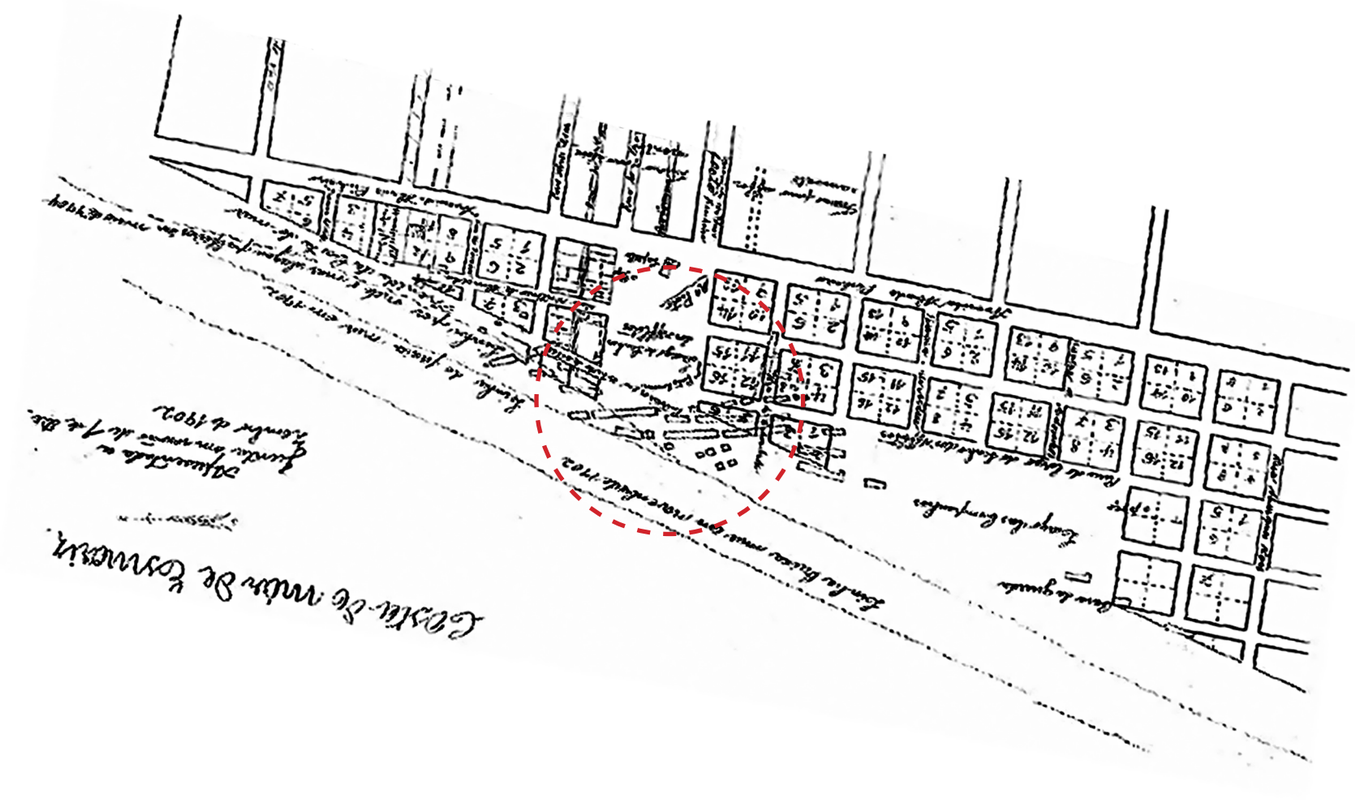
Como referido anteriormente, o desenvolvimento do turismo balnear no final do século XIX implicou um aumento populacional considerável e uma dinâmica mais intensa para a região, resultando na necessidade de executar assentamentos formais para a zona costeira. Assim, foi apresentada a Planta da Costa de Esmoriz à junta da freguesia em 1902*, com os arruamentos propostos para a zona sul da praia, constituindo o primeiro levantamento cartográfico da região.

A planta da figura 10 apresenta o núcleo de palheiros no início do século XX, distribuído à volta do antigo Largo do Senhor dos Aflitos e com as construções orientadas em banda segundo a direção dos ventos predominantes, criando uma correnteza de palheiros que permitia minimizar o impacto da areia transportada pelo vento. Para comportar esta flexibilidade, foram desenvolvidos os palheiros palafíticos, estruturas elevadas e apoiadas sobre estacas que se adaptavam aos movimentos da areia.

Sobreposta ao desenho do existente, é destacada a nova ordenação urbana, que determinou as suas bases a partir do eixo conector do centro da cidade (atual Avenida da Praia), definindo uma grelha regular de parcelas e dois espaços públicos. Observa-se um contraste eminente entre os assentamentos da comunidade piscatória e a lógica de planeamento imposta, que além de ser mais rígida, não considera as especificações do terreno e os alinhamentos das construções existentes.

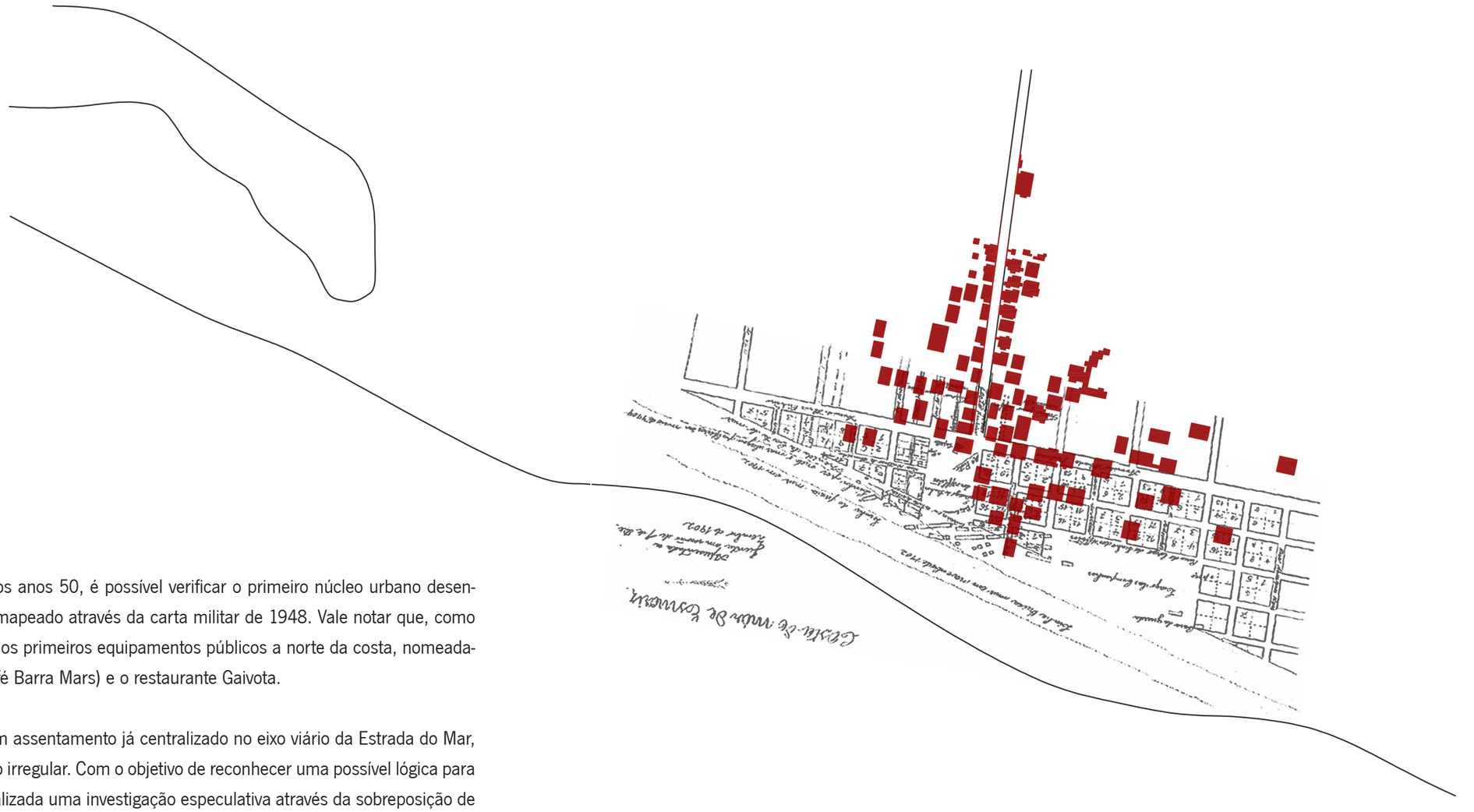
A partir desta carta, a nova malha urbana piscatória começou a desenvolver-se seguindo a métrica estipulada, mas os posteriores processos de expansão informal do bairro começaram a gerar uma grelha urbana distinta da prevista pela freguesia, como será verificado nas cartas militares seguintes. Desta forma, tanto o crescimento do edificado quanto a definição do espaço público foram se transformando progressivamente de acordo com as necessidades dos moradores.

*REIS, A. R. A., *Dicotomia entre a zona piscatória e a zona balnear: Espinho, Esmoriz e Furadouro*, Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2015, p. 88.



— — Primeiro assentamento de palheiros registado

F10



Núcleo urbano de 1948

F11

A carta militar de 1948

Entre o final dos anos 40 e meados dos anos 50, é possível verificar o primeiro núcleo urbano desenvolvido após o planeamento de 1902, mapeado através da carta militar de 1948. Vale notar que, como resultado do turismo balnear, surgiram os primeiros equipamentos públicos a norte da costa, nomeadamente o restaurante Barrinha (atual café Barra Mars) e o restaurante Gaivota.

A análise da carta militar demonstra um assentamento já centralizado no eixo viário da Estrada do Mar, atual Avenida da Praia, mas ainda muito irregular. Com o objetivo de reconhecer uma possível lógica para a informalidade constatada, é então realizada uma investigação especulativa através da sobreposição de ambas as plantas de 1902 e 1948, a partir do eixo comum da Avenida da Praia (figura 11).

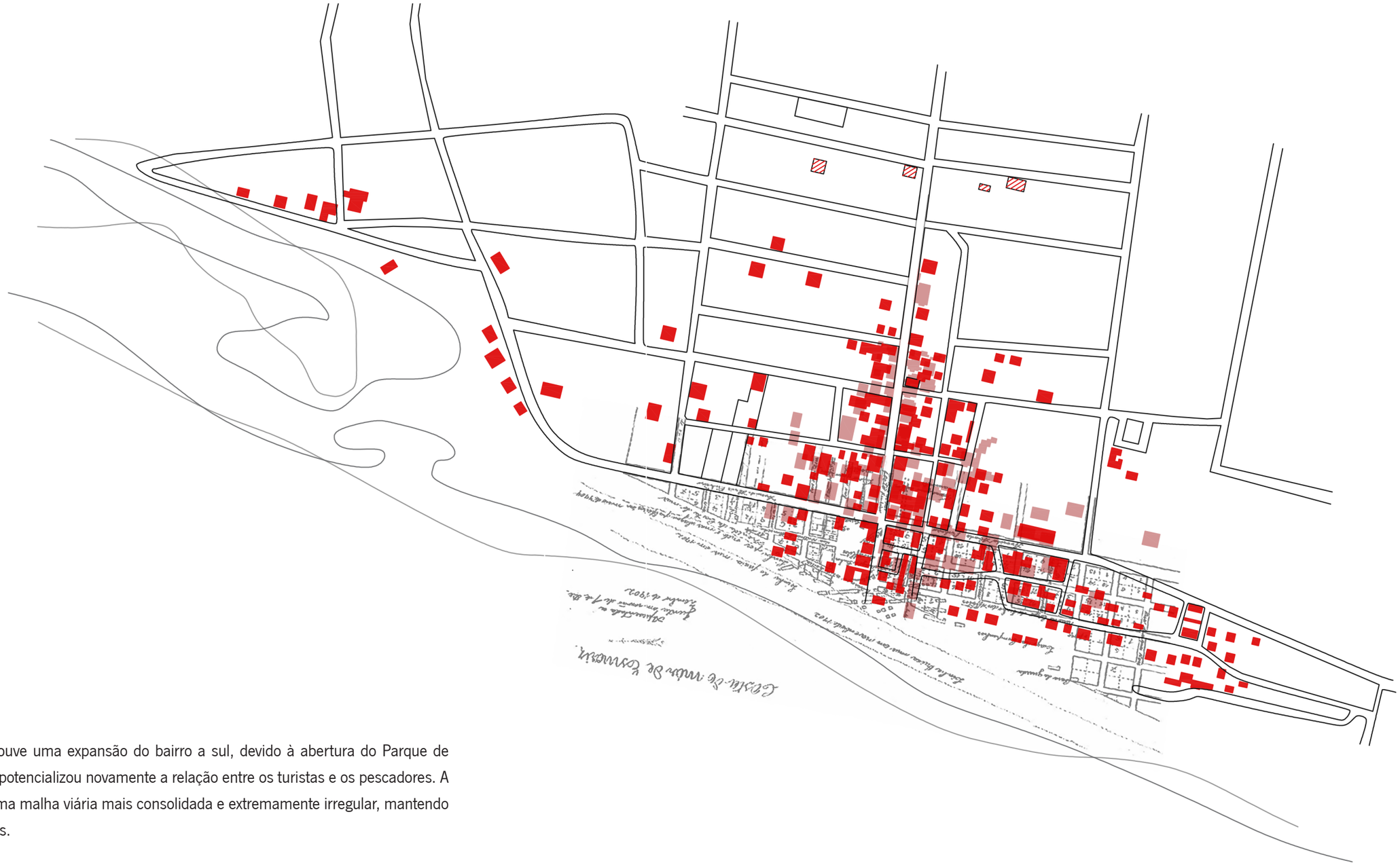
Deste estudo, verifica-se que os assentamentos presentes no núcleo central mantém a métrica do arruamento perpendicular ao eixo principal e das primeiras parcelas estipuladas em 1902. Contudo, esta lógica vai-se perdendo gradualmente à medida que a ocupação avança para sul; curiosamente, ao traçar alinhamentos com base na orientação dos antigos aglomerados de palheiros, é possível justificar a implantação de quase todas as as construções “irregulares” de 1948, sugerindo que as habitações continuaram a orientar-se segundo a direção dos ventos e a movimentação das dunas mesmo após a definição dos arruamentos, expondo uma coerência informal e uma independência urbana.

A carta militar de 1975

Durante as décadas seguintes, houve uma expansão do bairro a sul, devido à abertura do Parque de Campismo na década de 70, que potencializou novamente a relação entre os turistas e os pescadores. A carta militar de 1975 apresenta uma malha viária mais consolidada e extremamente irregular, mantendo poucos dos alinhamentos previstos.

A análise comparativa entre as três cartografias históricas, representada na figura 12, confirma as hipóteses anteriormente descritas relativamente ao processo de ocupação, evidenciando a relação entre o posicionamento das construções e os alinhamentos do antigo núcleo de palheiros, que está particularmente visível na malha urbana de 1975. Esta implantação orgânica é responsável por determinar os arruamentos do bairro, originando as primeiras transformações urbanas significativas ao nível organizacional.

Tal conclusão evidencia que a estrutura viária precisou se adaptar à lógica de ocupação da comunidade piscatória, e não o contrário.



Núcleo urbano de 1948
Núcleo urbano de 1975

F12

A carta militar de 1996

Por último, o final do século XX foi fundamental para o crescimento turístico de Esmoriz, tendo sido a vila elevada a cidade. As últimas décadas foram marcadas pelo contínuo reforço da zona norte da praia como estância balnear e o consequente melhoramento de parte da frente marítima, com a construção de novos apoios à praia.

A carta militar de 1996 demonstra que o desenvolvimento mais recente do bairro apresentou maior regularização da malha urbana, através da formalização de ruas e quarteirões, bem como a criação de uma nova rua próxima às dunas e uma tentativa de estruturar a malha viária derivada das ocupações informais. As construções foram se amalgamando de forma a aproveitar o espaço disponível, criando um amontoado de formas heterogéneas.

É interessante observar como, na planta de 1996, os assentamentos mais próximos da orla aparentam desconectados do restante bairro, surgindo quase como um elemento autónomo. No entanto, a leitura desta mesma área na carta de 1975 revela que a distribuição dos arruamentos, estruturada a partir das construções informais e dos alinhamentos das dunas, integrava este conjunto na dinâmica geral do bairro. É neste sentido que a análise extensiva da zona mais densa revela-se fundamental para o entendimento urbano da última faixa costeira, contribuindo para uma realocação que identifica estas ocupações como parte da unidade social piscatória.



Núcleo urbano de 1948
Núcleo urbano de 1975
Núcleo urbano de 1996

F13

A análise das cartografias históricas demonstra que o desenvolvimento do bairro resultou de um processo contínuo de adaptação entre a comunidade piscatória, o território dunar e as sucessivas transformações urbanas. Apesar das tentativas de regularização, a ocupação consolidou-se sobretudo através de uma lógica informal, orientada pelas condições naturais da orla costeira.

É através deste *palimpsesto* (André Corboz, 1983) que a aparente irregularidade da malha urbana implica uma coerência própria, onde os arruamentos e os assentamentos foram sendo definidos progressivamente pela dinâmica da comunidade, enquanto que a regularização do bairro, apesar de relevante para a organização urbana, acabou por fragmentar parte da unidade espacial originalmente construída pelos pescadores.

Assim, o presente trabalho assume que a zona vunerável da última faixa costeira atual, portanto, não deve ser entendida como um conjunto isolado, mas como parte integrante da identidade urbana e social do bairro, sendo que o seu possível deslocamento deve ser sensível ao valor das lógicas informais, de

AS VIVÊNCIAS

As lógicas de ocupação de uma comunidade nunca se limitam ao seu espetro físico, pelo contrário, intensificam-se com as práticas comunitárias, as formas de usar a casa e as diversas apropriações do espaço público e vazio. Reconhecer a comunidade piscatória sob esta perspetiva permite conectar as lógicas formais do bairro com a vida daqueles que lá habitam, descodificando as verdadeiras dinâmicas urbanas existentes.

Nesta fase do trabalho, procura-se identificar o bairro sob a perspectiva das vivências que o formam. Isto implica assumir que as relações sociais derivadas das rotinas próprias da comunidade, apesar de terem sido influenciadas pelas condições ambientais, eventualmente tornaram-se uma unidade própria de definição do local.

As vivências do bairro piscatório constróem-se a partir da proximidade e da memória. O espaço, neste sentido, é ativo na criação de relações de vizinhança e do habitar doméstico, sendo estas dinâmicas facilitadas pela configuração espacial do bairro, que promove o contacto direto entre os habitantes.

A proximidade é um dos elementos-base para a coesão social e atua em termos de espaço comum. Como será verificado, ainda existem momentos de vivência associados à permanência nos espaços exteriores e à utilização da rua como extensão da casa. Algumas crianças brincam nos percursos pedonais, as senhoras conversam em frente às habitações e os espaços intermédios tornam-se parte da vida comunitária.

Já a memória é relevante para caracterizar o espaço doméstico e a sua relação com a comunidade, visto que a forma de ocupar e utilizar o território nunca foi linear, implicando uma mudança nas relações sociais do bairro ao longo dos anos. Isto não significa que os costumes anteriores dos pescadores sejam irrelevantes na forma como a comunidade se estabelece enquanto unidade social atual. Pelo contrário, grande parte das lógicas de ocupação e uso do espaço derivam do senso de memória dos habitantes em relação às práticas passadas, como será verificado.

Assim, os conceitos de proximidade e memória são analisados em duas escalas distintas, correspondentes às duas formas principais de se relacionar com o território - através dos espaços de transição entre a casa e a rua, de caráter maioritariamente público, e do interior doméstico, já mais privado. A relação entre ambas as escalas e a dualidade entre o que é e o que era constituem as vivências do bairro piscatório.

F14





OS ESPAÇOS INTERMÉDIOS

Entre o interior doméstico e o espaço público surge um conjunto de espaços intermédios estruturantes na organização urbana do bairro, que funcionam como infraestruturas sociais, através de locais de pequeno convívio, respiro urbano e permanência. Estes espaços são apropriados de forma flexível, por vezes servindo apenas como acesso e eventualmente transformando-se em pequenos núcleos de conversa entre vizinhos ou de descanso para os moradores. Esta sobreposição de usos revela uma permeabilidade considerável entre o exterior e o interior.

São identificados como espaços intermédios do bairro algumas ruelas, os pátios de transição para acesso das habitações, os pátios exteriores privados, alguns corredores intersticiais e o percurso pedonal, somente quando este assume uma dinâmica de extensão do habitar. A proximidade entre construções e ruelas também é um fator determinante para a relação entre a casa e o espaço comum, gerando uma malha densa que valoriza a escala do corpo humano e a mobilidade pedonal.

Os espaços intermédios encontrados apresentam relações sociais que foram observadas. A análise *in situ* permite evidenciar que certas regiões e vielas costumam abranger momentos de conversas, áreas de descanso, mesas de convívio privadas e, em alguns casos, recreação infantil (crianças com bicicletas ou a andar pelas ruelas) e áreas para atividades manuais individuais. É de referir que estas dinâmicas não estão presentes na totalidade dos espaços intersticiais e públicos, que atualmente apresentam uma diminuição nas relações de comunidade.

Em casos particulares, a rua pode apresentar uma ausência de fronteiras rígidas entre público e privado. Após visitas no local, representadas na fotografia ao lado, constata-se que as portas das habitações permanecem abertas, os limites pedonais são parcialmente ocupados e a rua parece pertencer às parcelas, indicando maior coesão social. Esta dinâmica singular, entretanto, não é recorrente no restante do bairro, onde grande parte da malha de circulação pedonal e viária apresenta fronteiras claras entre a casa e o espaço público.

F15

O INTERIOR DOMÉSTICO

O espaço doméstico no bairro ultrapassa a função de abrigo, constituindo um elemento fundamental na construção das vivências comunitárias e das relações de pertença. Neste contexto, a organização doméstica reflete não apenas necessidades funcionais, mas também práticas quotidianas, formas de convivência e adaptações construídas ao longo do tempo pela comunidade.

Torna-se relevante, então, compreender ambas as dinâmicas domésticas existentes e que já existiram. Esta fase da análise, por conseguinte, identifica a casa através das vivências passadas e atuais, assumindo que a compreensão da casa e do bairro só é completa se o interior doméstico e as vivências forem tratados como temas indissociavelmente ligados. O fator temporal é aqui fundamental para compreender o processo de habitar enquanto elemento contínuo, mas heterogéneo.

Para tal, são analisados três momentos onde o interior doméstico distingue-se: as primeiras ocupações (palheiros), as construções já consolidadas de alvenaria, mas ainda pertencentes a pescadores ativos (a pesca ainda era o meio principal de produção), e as habitações atuais, resultantes do processo gradual de diminuição da atividade piscatória, mas com resquícios da identidade local.

PRIMEIRO MOMENTO: OS PALHEIROS



F16

Como já referido anteriormente, as atividades relacionadas à pesca e a especificidade das condições da costa levaram ao surgimento dos palheiros, construções tradicionais da comunidade piscatória. Em Esmoriz, os palheiros apresentam uma estrutura de madeira, composta por prumos espetados na areia e tarugos dispostos na horizontal, de forma a garantir travamento estrutural, tendo um caráter palafítico que permite superar a corrente das dunas e a instabilidade do solo.

Os primeiros palheiros serviam maioritariamente de apoio à pesca, para o armazenamento de ferramentas, bois e barcos. Com os assentamentos permanentes da comunidade na praia, a sua configuração interior passou a atribuir um caráter residencial.

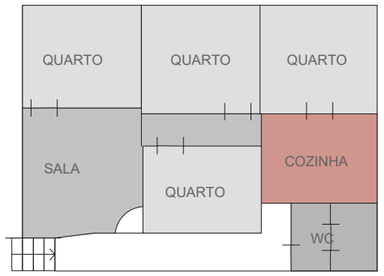
As habitações continham, em geral, dois pisos, abrigando no rés do chão um espaço de armazém para os bois, enquanto o piso superior era ocupado pelas famílias (figura 17). O segundo piso apresentava uma cozinha, um ou dois dormitórios e uma sala. É de referir que o seu interior permitia a ampliação do espaço através do aumento de divisórias por um tabique de pranchas, para comportar o constante crescimento familiar. A fachada principal era composta por uma varanda, protegida por uma cobertura de duas águas, enquanto toda a habitação era revestida por tabuado horizontal.

Após o aumento de turistas na região, os palheiros passaram a ter uma distribuição programática ligeiramente diferente. A figura 16 representa a planta de um palheiro destinado aos banhistas; destaca-se uma quantidade superior de quartos e a diminuição dos espaços comuns. A análise comparativa das duas habitações demonstra que, diferentemente dos novos palheiros, a cozinha dos pescadores era o espaço social mais relevante da casa, visto que a sala costumava ser repartida em novas divisões e os quartos eram meros espaços de descanso.

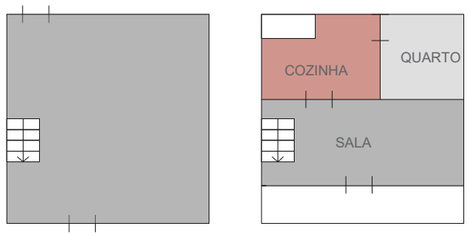
Esta característica evidencia que, para além da sua função habitacional e de apoio à atividade da pesca, os palheiros expõem formas específicas de apropriação e adaptação ao lugar, refletindo as práticas comunitárias, lógicas construtivas vernaculares e, principalmente, as dinâmicas sociais que contribuíram para a formação e evolução urbana.

Atualmente, no largo do Senhor dos Aflitos e no eixo da Avenida da Praia, ainda existem alguns palheiros da primitiva comunidade assentes na duna, que denunciam a formação inicial do bairro. Para além do seu estudo programático descrito anteriormente, é realizado um pequeno inventário das estruturas ainda existentes, de forma a identificar alçados, possíveis vistas do interior, pormenores construtivos e estado de uso. As imagens a seguir destacam o levantamento dos palheiros encontrados, quase na sua totalidade abandonados ou desocupados. Tal catalogação* permite entender padrões na forma como a casa era concebida, construtivamente e em termos visuais.

*ver anexo pág. 144 e 145



PLANTA PALHEIRO DE BANHISTA

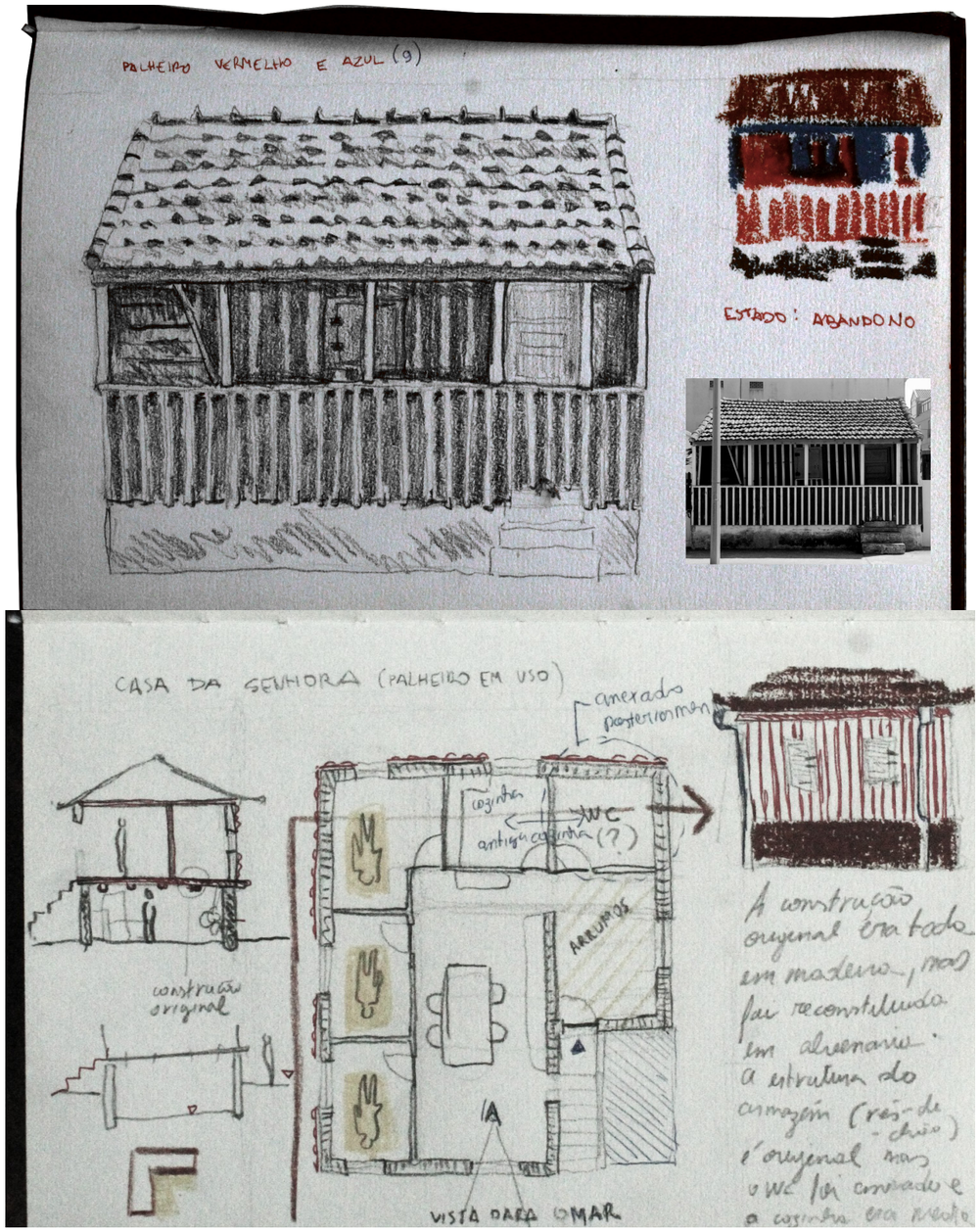


PLANTA PALHEIRO ORIGINAL DE PESCADOR

F17



F18 | MAPEMANENTO DE PALHEIROS AINDA EXISTENTES EM ESMORIZ



F19 | INVENTÁRIO DOS PALHEIROS EXISTENTES















Associada aos palheiros desenvolveu-se um forte senso de identidade, estruturado em torno das atividades quotidianas, da proximidade entre famílias e da partilha dos espaços exteriores e interiores.

De facto, a partir da observação *in situ* e após diversas conversas com moradores e antigos pescadores do bairro, torna-se claro que o discurso utilizado para descrever as vivências passadas está muito vinculado com a forma de ocupar os palheiros e a sua envolvente. O diálogo com os habitantes e a sua memória permite uma aproximação daquilo que eram as rotinas da comunidade piscatória e a sua relação com a casa, explorada a seguir.

Partilha comunitária e espaços comuns

O habitar para os pescadores implicava mais do que um espaço de repouso, mas sim um mecanismo de partilha e autonomia. Segundo uma senhora entrevistada, filha de pescador, os espaços comuns da casa eram parte fundamental do quotidiano: "*fazia-se tudo na cozinha, era o espaço que mais usávamos"*.* A cozinha significava momentos de pertença entre os vizinhos, que se juntavam através da refeição - *"Nós íamos fazer sopa e dávamos para todos, havia aquela cumplicidade e camaradagem. (...) a minha mãe cozinhava à minha tia e às outras pessoas* "*. Esta relação entre a casa e a vizinhança demonstra que o bairro funcionava como unidade orgânica social e espacial.

"A rua era para as pessoas"

Os depoimentos também expõem a permeabilidade entre o espaço público e privado, na medida em que os processos de convívio passavam do interior comum para os pátios e ruas. Neste sentido, a rua era igualmente um dispositivo do habitar e apresentava uma importância intergeracional distinta da atual, visto que era utilizada maioritariamente como circulação pedonal e como espaço de recriação: "*nós não tínhamos nada, mas nós tínhamos a rua, brincávamos com o que tinha (...) depois vinha um carro, a gente se afastava, deixava o carro passar, todos pegavam outra vez [nos brinquedos] e continuávamos como se não fosse nada (...). A rua era para as pessoas* "*.

É curioso notar que, apesar dos palheiros serem elevados do solo, as relações de vizinhança eram consideradas mais ricas, demonstrando que o caráter palafítico das habitações era suficiente para criar um senso de independência sem desestruturar as práticas comunitárias.

Autonomia e relação com a terra

Além disso, a comunidade revelava-se extremamente autónoma, através da sua relação com a terra e o mar. A pesca, por conseguinte, não era a única atividade presente no quotidiano dos moradores, que utilizavam os diversos elementos do território como ferramentas de produção.

Ao redor da casa, podiam existir pequenas plantações, desde que as características do solo permitissem, e a madeira utilizada na construção dos palheiros pelos próprios pescadores frequentemente provinha dos pinhais, que também serviam como lenha durante o inverno. Havia uma estreita relação entre os pescadores e os agricultores do norte da região mediante a troca de produtos e alimentos, fomentando um senso de subsistência e coletividade. Como mencionado por uma filha de pescadores, "*[as mulheres] iam com uma bacia até lá, punham-se em cima a pé e traziam batatas, traziam cebolas e isto, para nós comermos, e depois havia esta troca (...)*"*.

*ver anexo pág. 142

O JORNAL " A VOZ DE ESMORIZ"

Apesar das relações de vivência terem diminuído significativamente ao longo do tempo, é possível verificar alguns resquícios desta identidade coletiva; o cultivo ainda mantém-se presente na vida dos moradores do bairro e representa um aspeto fundamental da cultura local, bem como a autonomia construtiva derivada da grande quantidade de anexos existentes. Não só, a presença de espaços intermédios ainda gera pequenas conexões sociais e momentos onde os moradores juntam-se à frente das casas, normalmente após o almoço, para conversar e dar preferência ao espaço exterior como local de convívio.

Assim, as vivências descritas estão presentes na memória dos habitantes de forma muito intensa, demonstrando que a relação da comunidade com o território manifesta-se também na forma como a sua história foi continuamente registada e transmitida ao longo do tempo. Neste contexto, o jornal regional *A Voz de Esmoriz* assume particular relevância enquanto documento histórico e social, funcionando como um importante arquivo da memória coletiva da Praia de Esmoriz.

Publicado pela primeira vez em 1956, o jornal documenta as transformações urbanas, os costumes locais e as preocupações da comunidade, revelando a forte ligação dos habitantes ao seu território. As suas edições registam desde o crescimento espontâneo do assentamento piscatório até às ameaças provocadas pelo avanço do mar, demonstrando uma consciência coletiva sobre a constante transformação da praia.

O jornal recupera diversos registos, incluindo os primeiros levantamentos cartográficos da região: "*Junto à costa do mar, não havia uma única rua regular, nem arruamentos, na sua sessão de 3 de setembro de 1899, deliberou a Junta da Paróquia (...) mandar tirar uma planta da mesma*" (A Voz de Esmoriz, 1969). As publicações também evidenciam a relação da população com a paisagem costeira e a preocupação perante a erosão marítima, que é vista como ameaça não apenas física, mas também identitária. Um dos testemunhos publicados expressa esta ligação ao lugar: "*Sou filho de Esmoriz (...). Conheço, talvez, posso dizer, os locais belos de Portugal inteiro, e muitos do estrangeiro, e nada me enche a alma como o ar e a paisagem da nossa praia e arredores. (...) fiquei desolado, porque vi que o mar (...) está já a ameaçar a rotunda e a costa da nossa tão bela praia.*" (A Voz de Esmoriz, 1969).

Não só, o jornal preserva a memória dos "típicos palheiros da Praia de Esmoriz", das práticas piscatórias na Barrinha e no mar, bem como da Capela do Senhor dos Aflitos e de Nossa Senhora da Boa Viagem, através de uma vasta documentação fotográfica, exposta nas figuras 20 e 21. A Voz de Esmoriz, neste sentido, transcende o meio informativo e torna-se um suporte de construção identitária e de reforço do sentimento de pertença da comunidade em relação ao seu território, à sua história e às suas práticas quotidianas.

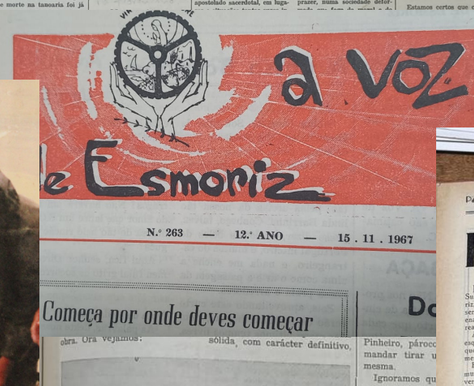





VIRTUS IN LABORE
A VOZ DE ESMORIZ
QUINZENARIO REGIONALISTA
N.º 259 — 15.º ANO — 15 - 9 - 1967
— Director e Editor: Alexandre de Castro Soares —
Propriedade da Comissão de Melhoramentos de Esmoriz
— Redacção e Administração: ESMORIZ —
Composto e impresso na Gráfica Firmenia - Porto
Palavras claras
INDA A PROPÓSITO
DA NOSSA INDÚSTRIA
SUMÁRIO
— Palavras Claras
— Alguns Reparos
— Desporto
— Notícias de Esmoriz
— Correspondência.
ALGUNS REPAROS
A MORTE DO PADRE RIBA
VOLEIBOL




Típicos
Palheiros
da
Praia
de
Esmoriz


A VOZ
de Esmoriz
N.º 263 — 12.º ANO — 15 . 11 . 1967
Começa por onde deves começar


A VOZ DE ESMORIZ
ESMORIZ BARRINHA, PRAIA E MATA FLORESTAL


Desporto
FUTEBOL




A VOZ DE ESMORIZ
A antiga Capela de Nosso Senhor dos Aflitos e de Nossa Senhora da Boa Viagem



F21

SEGUNDO MOMENTO: AS CONSTRUÇÕES EM ALVENARIA



F22

Com a abertura de novas vias no início do século XX, a madeira deixou de constituir a principal matéria-prima das habitações do bairro, sendo progressivamente substituída por pedra e tijolo. Estas transformações introduziram mudanças significativas nos métodos construtivos, que passaram a utilizar alvenaria, levando a um declínio gradual das construções em madeira.

Após uma investigação *in situ* relacionada com a forma de ocupação da casa, é possível inferir que as habitações em alvenaria do bairro geralmente possuem duas fases de apropriação: durante o período onde a pesca ainda era a atividade produtiva principal da região, relacionando-se com as prátcias reais dos pescadores, e após a redução quase total da árte xávega, onde as habitações geralmente tornam-se propriedade dos seus descendentes, filhos de pescadores. Cada fase implica uma maneira distinta de se relacionar com o interior doméstico, mas ambas expõe o caráter ainda singular da comunidade.

Com o objetivo de reconhecer os diferentes momentos de apropriação, é analisada em pormenor a residência de uma filha de pescador, cuja casa pertenceu e foi construída pela família, para identificar as relações de vivência a nível familiar e de vizinhança.

A habitação foi construída na década de 60 e apresenta três fases: a fase zero corresponde à edificação original, que se desenvolvia através de um logradouro no fundo do lote e um espaço de cultivo na frente da casa, com um corredor exterior de ligação entre ambos. Nota-se uma tendência por espaços exteriores com diferentes funções em conjunção com a habitação.

A primeira fase deriva da necessidade de ampliação do lote para comportar as atividades piscatórias do pai, nomeadamente a produção e armazenamento de ferramentas. A criação do parque de campismo nos anos 70 também influenciou muitas famílias a construírem anexos para que a habitação principal pudesse ser utilizada por turistas durante o verão. A nova construção em forma de “L” permitiu a criação de um terceiro pátio, desenvolvendo uma outra dinâmica espacial para a habitação. Destaca-se a simplicidade programática e diferença na proporção dos cómodos interiores dos anexos em comparação ao edificado original.

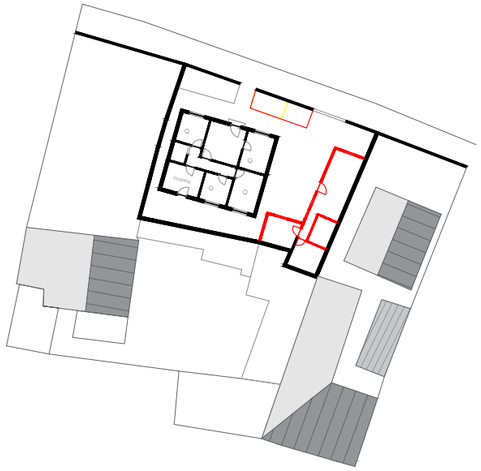
A segunda fase acontece a partir da transformação dos pátios externos em espaços cobertos, agora pertencentes à casa, para comportar uma garagem e uma oficina interior. Esta alteração fragiliza a permeabilidade entre o espaço doméstico e as áreas exteriores do lote, além de denunciar uma mudança na forma como é realizada a mobilidade no bairro. É de referir que os espaços de cultivo mantém-se e o pátio ao fundo do lote ainda apresenta funções variadas relacionadas a atividades manuais.

F23

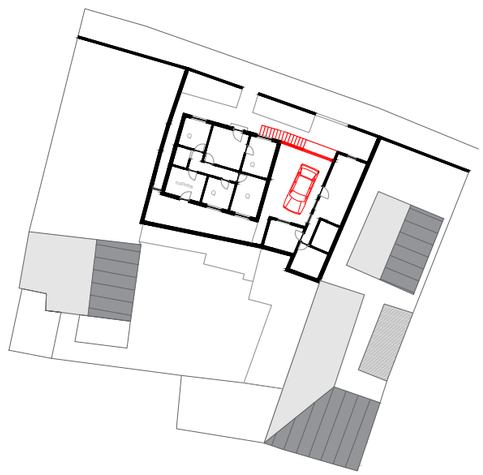
fase 0



fase 1



fase 2





Cultivo e jardinagem: couve portuguesa, tomate, alface, salsa e hortelã na horta.

Pátio secundário, que presentava muitos vasos ajardinados e era utilizado para a preparação de isco para os galrrichos, nos períodos de pesca de enguias na Barrinha, através de um tanque de lavagem. A mesa central reunia famílias e amigos em eventos especiais.

O habitar na primeira fase

O acesso principal à habitação fazia-se através do pátio exterior principal, onde era realizada a lavagem e manutenção dos tratores (utilizados para puxar as redes durante a pesca) e o corte e serragem da lenha proveniente dos pinhais.

O Pátio exterior principal abrigava o estendal de roupas e a área de ferramentas para pesca (bordões, varas, boias, etc), de secagem e fabrico dos utensílios, manutenção de redes e colocação de galrrichos (rede ou cesta funda que se destina à pesca). Nesta zona, as vizinhas do bairro se encontravam após o almoço para para fazer os sacos de fio para a pesca e, às vezes, peças de lã e crochê, ao som do rádio. Observa-se que, nestas ocasiões, os mais velhos sentavam-se ao sol e os mais novos sentavam-se à sombra.

A habitação original possui quatro quartos, uma casa de banho, uma sala de estar e uma cozinha. Diferentemente dos anexos, a sala é o maior espaço da casa e a quantidade de quartos reflete a dinâmica turística existente na época. Curiosamente, a família de pescadores tinha preferência em habitar os anexos, mesmo em períodos onde a casa estava desocupada.

A área intersticial entre o anexo e a frente da rua era utilizada como zona de lavagem do peixe, tanque de roupa e fogareiro derivado do corte e serragem das lenhas.

O anexo era fundamentalmente constituído por dois quartos, uma casa de banho e uma cozinha, que representa o maior e mais utilizado espaço do conjunto. A moradora afirmou que a cozinha do anexo, pelas suas dimensões e relação direta com o pátio exterior, era o espaço mais ocupado da casa, superando os cómodos da habitação original, tendo sido utilizada como cozinha principal. Destaca-se aqui a importância deste espaço enquanto elemento de encontro, charneira com o exterior e local de partilhas.

A rua era uma verdadeira extensão da casa, visto que o local de brincadeiras entre as crianças acontecia entre as ruas e as vielas. A moradora afirma que "*era tão comum utilizar a rua como espaço de convívio que, quando aparecia um carro, era uma fila para esperá-lo passar para depois voltar a correr por lá*"*.

F24 | 1:100



A área intersticial entre o anexo e a frente da rua é agora utilizada como canil para os cães e lavagem dos animais.



O habitar na segunda fase

O espaço exterior frontal do lote é reservado para o cultivo e jardinagem. Planta-se couve portuguesa, tomate, alface, salsa e hortelã na horta.

O Pátio principal é agora interior e funciona como espaço de garagem e eventual armazém. A sua cobertura é acessível e apresenta usos semelhantes ao pátio antigo, com uma mesa de convívio familiar e de amigos, um estendal e uma área para armazenamento de pinhas. A moradora ainda desenvolve atividades manuais como peças de lã e tricot ao sol.

O Pátio secundário ao fundo do lote, agora também coberto, atua como oficina particular da moradora, que produz peças cerâmicas e pinturas, muitas vezes relacionadas à pesca e que são utilizadas para decoração típica dos cafés no bairro piscatório. O percurso de ligação entre os pátios dissolveu-se e transformou-se numa zona para guardar ferramentas de jardinagem.

Os anexos são utilizados como segunda habitação, especialmente em situações onde há a necessidade de uma cozinha maior.

F25 | 1:100



F26

A PERTENÇA

A análise destas vivências domésticas expõe características identitárias da comunidade, relacionadas com autonomia, partilha e flexibilidade da ocupação. Destaca-se também uma divergência entre as lógicas sociais passadas e as relações de convívio atuais: enquanto que anteriormente havia maior proximidade social derivada da atividade piscatória, uma autonomia produtiva forte e uma dinâmica do habitar focada nas interações sociais e na escala humana, as rotinas atuais, apesar de ainda apresentarem uma certa autonomia construtiva e produtiva, perderam muitas das relações de vizinhança e de partilha. São os espaços intermédios e a noção de proximidade entre casa e rua que ainda permitem maior coesão social.

É através deste reconhecimento que se atribui valor de intervenção na memória e na cultura daqueles que habitam o espaço, visto que a identidade não está presente apenas na sua expressão física, mas também através das suas vivências. Assim, a proximidade física à costa implica uma identidade territorial específica, onde o lugar não é apenas cenário, mas condição essencial para a existência da comunidade. Este conjunto de elementos físicos e sociais identificados traduzem o conceito da pertença.

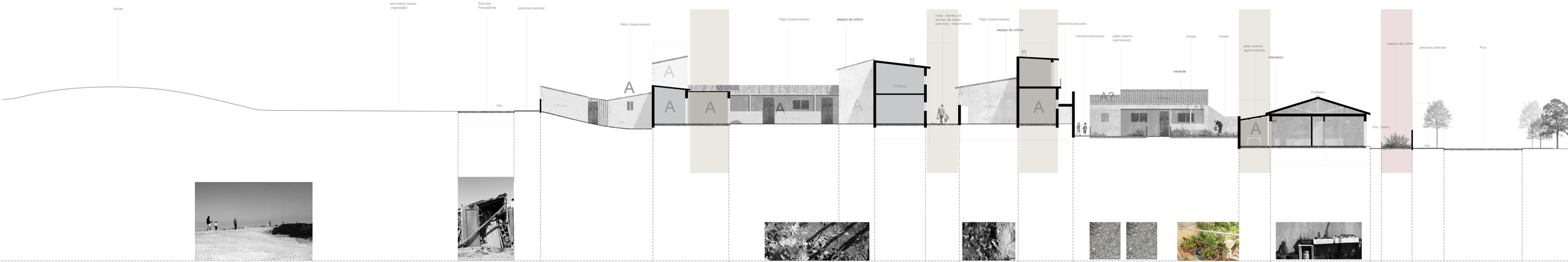
No entanto, é evidente que a crescente perda da orla marítima compromete não apenas a permanência física do bairro, mas também a continuidade destas dinâmicas urbanas e sociais, o que significa que o futuro desaparecimento do território implica uma possível rutura entre a comunidade e o lugar, evidenciando aqui o problema da pertença. Neste contexto, a pertença não se reduz à ocupação da malha urbana, pelo contrário, é resultado de uma construção complexa que envolve memória, práticas quotidianas, relações sociais e modos de vida.

Tal deslocação forçada da comunidade, imposta pela perda da costa, tende a ser abordada como um problema meramente físico e infraestrutural. De facto, ao analisar o projeto de realocação já existente, o Conjunto Habitacional da Boa Esperança, nota-se uma ausência de diversos elementos importantes para a caracterização da ocupação da comunidade, resumindo o processo de deslocamento num conjunto linear de habitações que parecem estar desvinculadas do seu contexto territorial.

Assim, esta perspetiva pragmática revela-se insuficiente, na medida que ignora a dimensão imaterial do habitar. Evidentemente, a transferência de habitações para um novo local não garante a continuidade da comunidade enquanto entidade social coesa e pode gerar fragmentação das lógicas de vizinhança e consequente perda da identidade coletiva.

O problema da pertença emerge, então, como questão central da investigação. É necessário compreender de que forma é possível deslocar uma comunidade sem comprometer os vínculos que a estruturam, assegurando a continuidade das práticas, das relações e das formas de apropriação do espaço.

F27 | CORTE DE VIVÊNCIAS | 1:100





F28 | Igreja de Nosso Senhor dos Aflitos e de Nossa Senhora da Boa Viagem



F29 | Vista do mar a partir do esporão, à frente do bairro piscatório



F30 | Destaque aos dois palheiros antigos mais próximos do mar



F31 | Vista do bairro a partir da Rua dos Pescadores

FASE 2

INFRAESTRUTURAS DE PERTENÇA

A estratégia de intervenção proposta parte do reconhecimento de que a realocação da área mais vulnerável do bairro piscatório de Esmoriz não deve ser entendida como um processo de substituição, mas como uma operação de continuidade. O objetivo deste deslocamento, portanto, é garantir que esta transição não comprometa as estruturas sociais e espaciais que definem o bairro.

Neste sentido, e a nível territorial, propõe-se o desenvolvimento de uma nova malha urbana que consiga integrar os princípios de pertença reconhecidos na análise do território. Esta malha assenta numa grelha flexível que permite comportar os diferentes crescimentos da comunidade piscatória e futuras adaptações individuais, gerando uma diversidade tipológica. A flexibilidade aqui é um princípio fundamental e garante que a estrutura urbana se construa diretamente a partir da apropriação pelos moradores, permitindo um crescimento dependente do processo temporal das formas de ocupação, tal como o processo informal do bairro piscatório existente.

A unidade base desta nova organização é o módulo habitacional articulado em torno de espaços intermédios, como vazios ou pátios com diversas funções e áreas comuns, que funcionam como extensão do espaço doméstico. Destaca-se que estes elementos são fundamentais para a reconstrução das relações de vizinhança, promovendo a proximidade, a partilha e a liberdade de ocupação. Os pátios, na presente proposta, configuram-se como verdadeiras infraestruturas de pertença. Tal como na malha urbana, a unidade habitacional é concebida segundo lógicas de flexibilidade, permitindo a extensão da casa e dos espaços comuns sem desestruturar a coesão geral do novo bairro.

Infraestruturas de pertença

Pretende-se que este conjunto urbano seja um elemento espacial que suporta a forma de ocupação já existente da comunidade. A noção de infraestruturas de pertença, por conseguinte, constitui o eixo central da proposta. Estas infraestruturas vão além da componente formal e incluem espaços de convívio e pátios de transição social, flexibilidade funcional, autonomia produtiva e construtiva e uma relação mais próxima com a rua. Integrar estas funções de vivência encontradas no bairro, nas escalas urbana e doméstica, garante a continuidade do modo de vida da comunidade, mesmo num novo contexto territorial.

A relação entre memória, local e projeto, portanto, torna-se essencial e, como mencionado por Sebastien Marot em *Sub Urbanism and The Art of Memory*, a condição suburbana exige uma inversão da hierarquia, na qual o lugar torna-se a ideia reguladora do projeto, enquanto *Ars memorativa* (MAROT, 2006, p. 19-28) através da sobreposição de memórias e práticas que criam a identidade do território.

Processo gradual e participado

Como resultado da extensa flexibilidade assente na estratégia de intervenção, a realocação do bairro torna-se um processo gradual e que depende da evolução própria da comunidade, permitindo uma continuidade enquanto estrutura social. Assim, a intervenção pretende demonstrar que o processo de realocação pode ser uma ferramenta na construção da pertença, através da continuação das vivências.

Lógicas vernaculares e sistemas construtivos adaptáveis

A proposta também incorpora princípios de decrescimento, privilegiando soluções acessíveis, através da utilização de materiais e sistemas construtivos adaptáveis. Os módulos de ocupação baseiam-se na variedade que cada peça constituinte da casa pode permitir para gerar novas formas, sendo que a simplicidade construtiva se articula com a possibilidade de transformação ao longo do tempo. Esta lógica de pensamento permite não apenas reduzir o impacto da construção, mas também reforçar a autonomia dos habitantes, incentivando processos de autoconstrução e manutenção.

Além disso, em alusão às construções vernaculares dos palheiros, a proposta incide na utilização do sistema palafítico para superar os problemas de pequena inundação que são recorrentes no bairro, além da escolha pelo revestimento em tábuas de madeira, para fácil manuseio e flexibilidade na sua possível modificação.

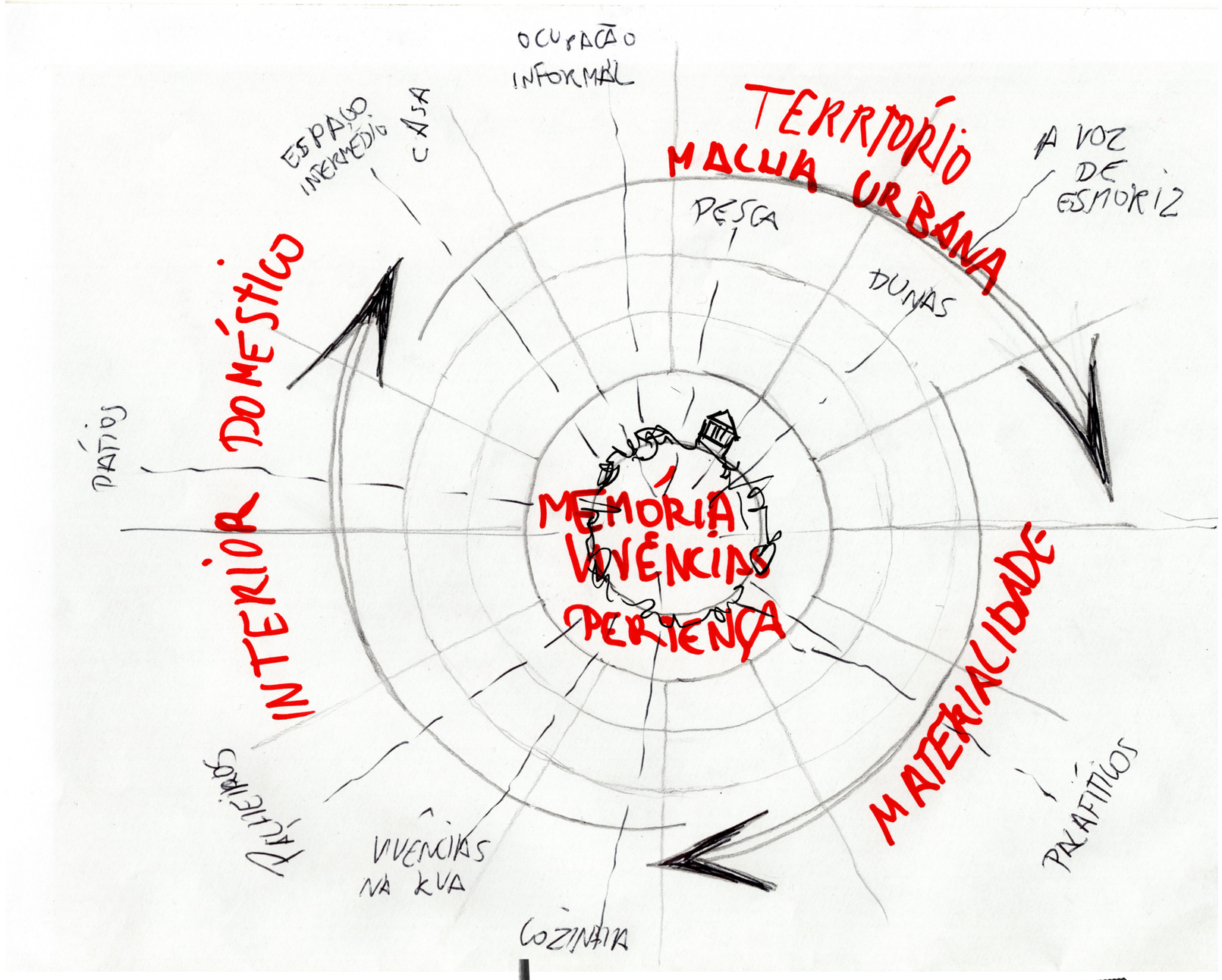
Local de intervenção

O local de intervenção apropria-se da possibilidade de continuar a realocação anteriormente realizada, i.e. o Conjunto de Habitações Boa Esperança, no limiar da zona do Clube do Campismo. Este local, para além de permitir edificabilidade pelo PDM (visto que ainda não é diretamente afetado pelas intempéries do mar) pode ser desenvolvido de maneira a criar uma dinâmica de transição entre os assentamentos isolados da realocação existente, que não foram pensados para comportar a lógica urbana da comunidade piscatória.

É escolhida então a faixa atual de maior vulnerabilidade costeira, compreendida entre a rua Diogo Cão e a Rua dos Pescadores, até o eixo paralelo à praia da Rua dos Arrais. Esta faixa, além de apresentar as construções mais precárias e afetadas do bairro, qualifica uma quantidade de agregado familiar viável para ser realocado no vazio intersticial entre o bairro e as Habitações da Boa Esperança.

Apesar do entendimento de que num futuro relativamente distante, a totalidade do bairro, incluindo o local de intervenção, vão ser afetados e possivelmente desintegrados pela constante subida do nível do mar, a lógica concebida para a presente proposta permite que esta seja aplicada em qualquer outro território, visto que o seu eixo de atuação funciona como unidade urbana e social própria, superando o problema da permanência e permitindo que futuras zonas realocadas do então bairro piscatório possam se desenvolver em continuidade social e identitária, independentemente do local. Curiosamente, o próprio bairro apresenta esta característica, na medida que cresce sempre em conjunção com a instabilidade territorial e ainda assim transforma-se numa dinâmica própria e coesa.

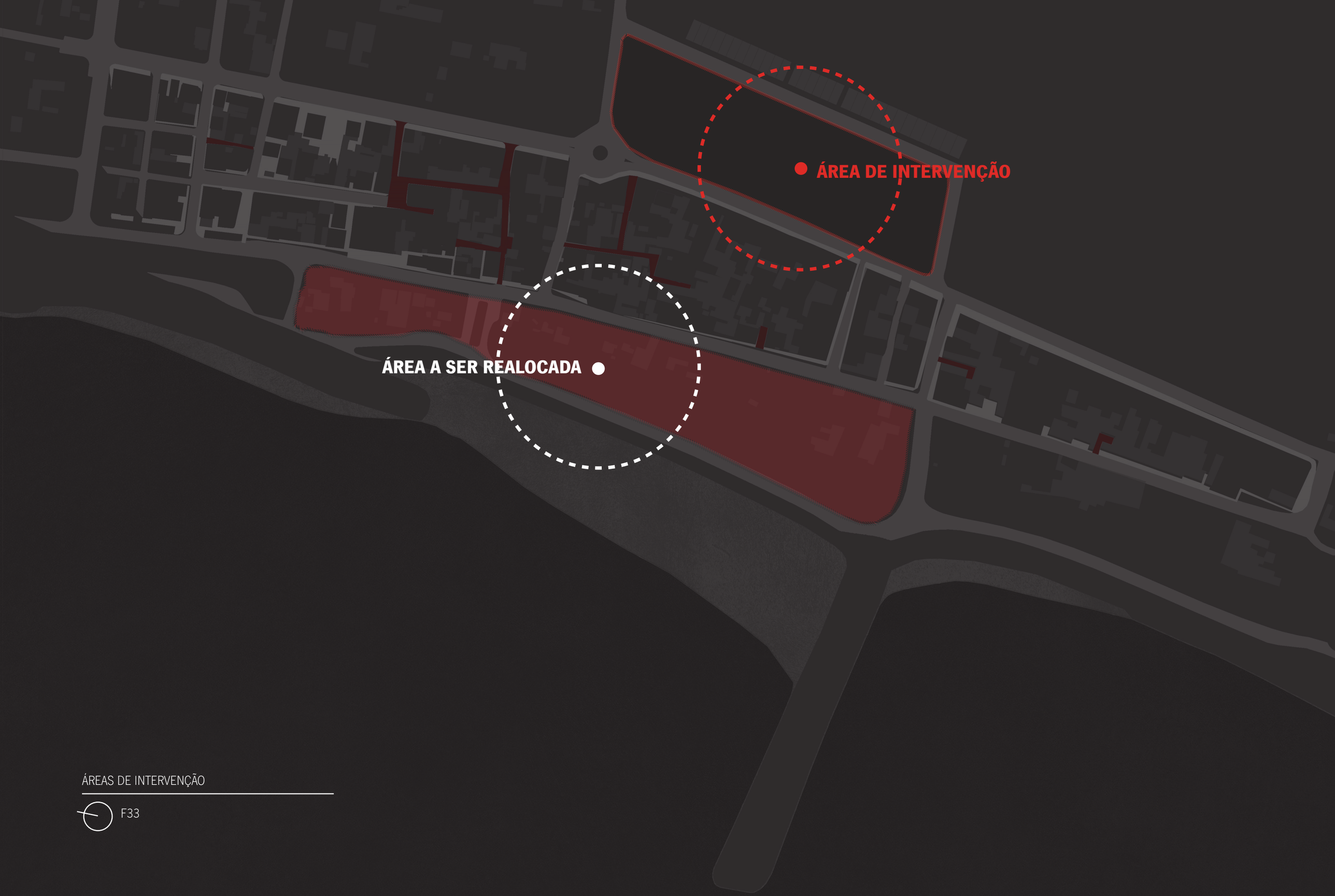
Assim, além de contornar a questão física da erosão costeira, a intervenção procura estabelecer uma nova lógica de ocupação que mantenha os elementos fundamentais de pertença identificados ao longo da investigação: a proximidade entre habitação e espaço comum, a possibilidade de crescimento progressivo, autonomia comunitária e o senso de identidade próprio do bairro piscatório.


OCUPAÇÃO INFORMAL
ESPAÇO INTERMÉDIO
CASA
TERRITÓRIO
MACUA URBANA
A VOZ DE ESMORIZ
PESCA
DUNAS
PÁTIOS
DOMÉSTICO
INTERIOR
MEMÓRIA
VIVÊNCIAS
PERIÊNÇA
MATERIALIDADE
PALAFITICOS
VIVÊNCIAS NA RUA
COZINHA


MAR DE ESMORIZ
PORTUGAL

F32

REALOCAÇÃO DA PRIMEIRA FAIXA DA COSTA



ÁREAS DE INTERVENÇÃO

F33

MALHA URBANA

Proporcionar as diversas formas de ocupação verificadas no bairro sem que este perca coesão urbana requer uma articulação eficiente entre flexibilidade e direção de planeamento. Como resposta a esta dualidade entre ordem e independência de apropriação do território, o projeto desenvolve os seus eixos sob influência dos conceitos estruturalistas de Alison Smithson e de Claude Lévi-Strauss, a partir de "*um conjunto de regras que define relações e correspondências*" (CALABUIG; GOMEZ; RAMOS, 2013, p.88), permitindo simultaneamente liberdade de ocupação e lógica de ordenação urbana.

Estas diretrizes de atuação, portanto, não delimitam as formas físicas dos elementos constituintes da malha, mas estipulam um conjunto-base de regras de ocupação sob uma grelha que pode ser expandida infinitamente. Tais eixos possuem princípios de composição que permitem uma distribuição coerente dos elementos pela área de intervenção, transformando-se numa unidade própria.

Princípio composicional 1: hierarquia e métrica

O desenho do bairro para o presente projeto parte da noção de que a obtenção desta coesão urbana flexível depende de uma série de elementos que se relacionam entre si de forma hierárquica. Neste sentido, é preciso determinar quais componentes devem ser pré-determinados ou fixos e quais permitem flexibilidade.

Assim, são estipulados como definidores do processo de ocupação os alinhamentos das novas ruas, que se baseiam no traçado viário existente, visto que é a da circulação pública que os sistemas sociais se iniciam. É a partir do espaço intersticial entre estes alinhamentos que todo o bairro se forma, gerando núcleos de possível ocupação pelo bairro. A mesma lógica hierárquica se aplica para a organização das infraestruturas técnicas, que se desenvolvem através de núcleos centrais distribuídos a cada conjunto de agregação.

A segunda componente fixa é a métrica-base da nova malha urbana, sob a qual todos os elementos serão distribuídos. Esta métrica baseia-se nas dimensões das ruas existentes do bairro e permite um sistema de loteamentos complementares à rua. Todos os restantes elementos, i.e. espaços públicos, pátios intermédios e loteamentos não possuem um posicionamento específico e podem se estabelecer livremente, desde que suportem uma série de regras de ocupação.

Princípio composicional 2: continuidade (espacial e temporal)

A continuidade temporal e espacial do bairro é outro aspeto fundamental. O sistema urbano foi pensado para comportar múltiplas expansões sem que estas se desconectem da rua, permitindo uma evolução temporal por fases e uma diversidade formal, relacionada com as necessidades dos moradores.

Elementos da malha

A grelha urbana é composta essencialmente por uma estrutura viária principal que estabelece um conjunto de agregações, nas quais os loteamentos e espaços públicos serão distribuídos. O conjunto viário constitui uma zona "*non aedificandi*" de proteção para a colmatação da circulação pública e acessos, de forma a sempre permitir expansão pela métrica através dos alinhamentos previstos, sem necessariamente apresentar uma forma inicial fixa.

Cada espaço confinado pelo alinhamento da malha viária constitui uma agregação: um conjunto de módulos que podem ser preenchidos (ou não), através de uma série de regras. Estas regras funcionam por percentual de ocupação, pelo que a quantidade de módulos em cada agregação não influencia a coesão urbana ou a proporção geral dos elementos, desde que nenhum destes núcleos comporte valores não inteiros de loteamento (como 1.5 lotes, por exemplo). Este raciocínio de distribuição permite agregações com diversas formas e simultaneamente minimiza a existência de espaços intersticiais.

Desenvolver cada conjunto numa lógica de proporcionalidade e não apenas de expansão quantitativa é fundamental para permitir uma flexibilidade controlada, na medida que atribui uma relação de elementos urbanos equitativa nas diversas parcelas formadas pela estrutura viária, sem confinar a sua forma final.

A formação dos espaços públicos também depende do processo de ocupação em cada agregação, mas a sua quantidade mínima é fixa, o que garante momentos de transição e respiro entre lotes e núcleos, além de potencializar momentos de conversas, partilhas e convívio. Os únicos espaços públicos fixos estão compreendidos no limiar da área de intervenção que, por apresentar alinhamentos não perpendiculares, cria espaços intersticiais onde a métrica da malha não é aplicada, e ao redor do poço de infiltração existente no terreno, que serve para minimizar o impacto de pequenas inundações em dias de chuva.

Os loteamentos são definidos conforme o processo de apropriação do bairro, em cada agregação. Apesar de dependerem de um conjunto de regras enunciadas mais adiante, possibilitam uma dinâmica territorial extremamente vinculada com os moradores.

Os vazios da malha, por fim, constituem futuros espaços de apropriação pública ou privada, a depender da necessidade dos habitantes (i.e. agregado familiar, largos públicos) e do próprio processo temporal de formação da malha. Como representado na figura 33, os lotes e espaços vazios ou públicos são os elementos que mais permitem flexibilidade na nova malha urbana. Destaca-se como os elementos da grelha fundem-se para criar uma unidade prórpia, simultaneamente que apresentam uma lógica clara quando analisados individualmente.

F34

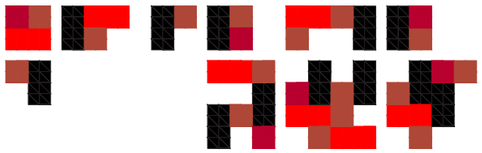


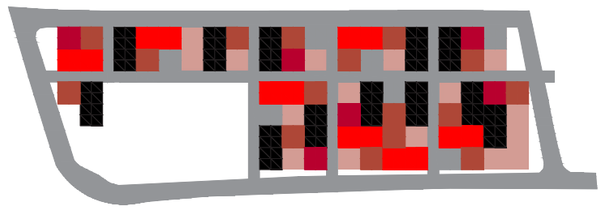
MÉTRICA

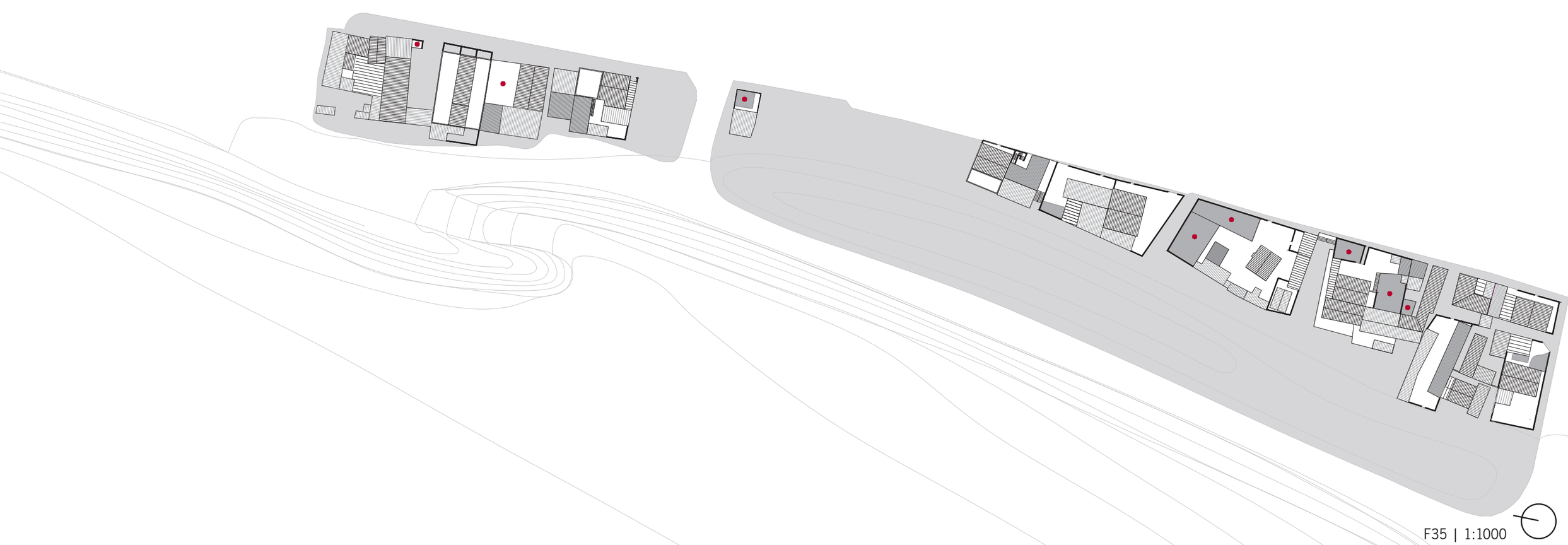

ALINHAMENTOS MALHA VIÁRIA


ESPAÇOS PÚBLICOS


AGREGAÇÕES


LOTEAMENTOS E VAZIOS


HIPÓSTESE DE DISTRIBUIÇÃO COMPLETA



F35 | 1:1000

Regras de ocupação

As regras de ocupação constituem uma partre fundamental para o desenvolvimento coeso do bairro e funcionam através da definição do percentual de ocupação por agregação. Para estipular tais diretrizes, foi então tipificada a porosidade do solo e as dimensões dos lotes realocados, como base para o novo bairro.

A partir do cálculo de loteamentos a serem realocados (19) e da dimensão média dos lotes em m2, foi definido que todos os habitantes terão um lote inicial de 2 módulos (145m2) + 1 módulo extra para possíveis expansões, constituíndo um total de 215m2. A aquisição de novos lotes é feita por módulo e somente em caso de aumento do agregado familiar. Também foram determinados o percentual médio de ocupação e permeabilidade por lote na área realocada. Esta identificação pormenorizada serviu como base para estipular as regras de ocupação e espaço permeável de ambas a agregação da malha urbana e posteriormente a unidade habitacional. As regras, então, estratificam-se em quantidade máxima de lote, quantidade mínima de espaços públicos e quantidade mínimas de módulos extras, para situações de agregado familiar superior. Foram definidos, assim, o seguinte ordenamento a ser seguido por cada agregação da malha:

OCUPAÇÃO MÁXIMA DE LOTES POR AGREGAÇÃO: 75% (50% lotes mínimos + 25% módulos extras)
ESPAÇOS PÚBLICOS MÍNIMOS EM AGREGAÇÃO: 1 módulo
QUANTIDADE DE MÓDULO EXTRAS PARA AGREGADO FAMILIAR SUPERIOR: 30% de cada agregação

F36

ÁREA DESOCUPADA POR LOTE
MÁX: 73%
MIN: 8%
MÉDIA: 40,5%

ÁREA OCUPADA POR LOTE
MÁX: 92%
MIN: 27%
MÉDIA: 59,5%

POROSIDADE DO SOLO

ÁREA PERMEÁVEL POR LOTE
MÁX: 50%
MIN: 0%
MÉDIA: 25%

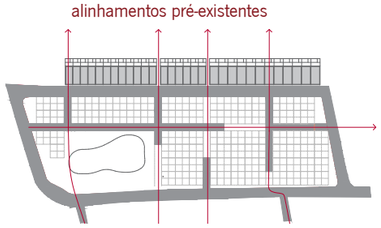
QT. TOTAL DE LOTES
LOTES: 19
FAMÍLIAS (ESTIMADO): 25/27
MÁX DE FAMÍLIAS (ESTIMADO): 3
MIN DE FAMÍLIAS (ESTIMADO): 1

LOTEAMENOS

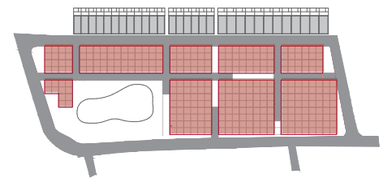
DIMENSÃO LOTES
MÁX: 663m2/350m2
MIN: 102,9m2/70,6m2
MÉDIA: 223m2

MALHA VIÁRIA

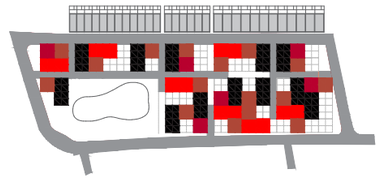
alinhamentos pré-existentes

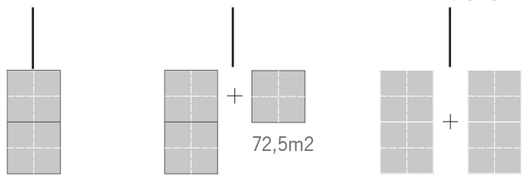


AGREGAÇÃO



LOTEAMENTOS E VAZIOS







Visto que não foi possível tipificar com exatidão as categorias de agregado familiar da parcela de realocação, considerou-se a quantidade máxima de loteamentos existentes e a quantidade de edificações por loteamento, com o objetivo de tentar perceber prováveis sistuações onde o agregado familiar era igual ou superior a 2. Desta análise, estima-se que 30% dos habitantes podem necessitar de um loteamento maior logo de início, implicando que a malha, além de garantir 1 loteamento extra para todas as 19 famílias, deve ainda comportar que 30% desta área possa ser ocupada por agregados familiares maiores.

Assim, a malha comporta, através do interior das suas agregações, pelo menos mais um módulo para 30% dos loteamentos. Isto implica que a ocupação das agregações depende da capacidade de suportar todos os parâmetros estipulados. Por exemplo, numa situação onde a agregação permite um máximo de 4 lotes (8 módulos + 1 adicional para cada: 12 módulos) e necessariamente 1 espaço público (1 módulo), o espaço sobrante deve permitir ainda a adição de um módulo para pelo menos 30% dos loteamentos, i.e. pelo menos 2 lotes. A agregação deve possuir, então, pelo menos 15 módulos totais.

Neste sentido, o limite máximo de ocupação estipulado para o interior de cada agregação e as direções possíveis dos lotes, para além de se basearem nas ocupações existentes, induzem à formação de sistemas casa-pátio quando em conjunção com a grelha definida, proporcionando maneiras de ocupação próprias da comunidade, já mencionadas. Entre elas, destaca-se a autonomia produtiva, através de espaços de cultivo mais expansivos, e os espaços intermédios, sejam estes públicos ou privados, que permitem uma flexibilidade controloada, visto que não é o posicionamento do pátio que será definido, mas a sua existência.

Esta forma de ordenação por percentual garantiu uma lógica clara na composição dos elementos sem desestabilzar as dinâmicas próprias de ocupação dos habitantes. A figura 37 apresenta 3 hipóteses de distribuição dos loteamentos a partir das regras de coupação. É notório como a forma geral do bairro mostra-se diversa independentemente das diretrizes aplicadas.

Fases de evolução

A organicidade presente no novo bairro é resultante principalmente do processo faseado de expansão urbana, que permite uma dinâmica de apropriação do território muito similar àquela encontrada no bairro piscatório de Esmoriz. É esta estreita relação entre espaço e tempo que fundamenta a verdadeira flexibilidade do presente projeto, expressando-se também no interior doméstico, como consequência desta lógica de ocupação.



Hipóteses de agregação da malha urbana, com destaque às diversas estruturas viárias e públicas | F37

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO COM HIPÓTESE DE DISTRIBUIÇÃO HABITACIONAL

F38 0 20 40 60m

UNIDADE HABITACIONAL

A unidade habitacional da presente proposta refere-se precisamente à base métrica que constitui a nova malha urbana. Tal como no bairro piscatório, e como já referido, as dimensões desta unidade são baseadas nas proporções das ruas existentes. Trata-se de um quadrado de 4,2m por 4,2m, dimensões estas que garantem por um lado os programas mínimos de habitação e, por outro, a expansão de espaços, sem que estes se tornem desproporcionais.

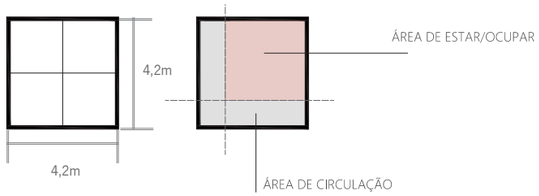
Com o objetivo principal de permitir flexibilidade, os módulos são executados de forma a serem independentes em programa e estrutura. Esta condição sustenta a lógica de crescimento ilimitado, visto que cada unidade pode comportar três tipos-base de ocupação interior, nomeadamente um espaço comum, uma área técnica (i.e. casa de banho ou cozinha) ou um espaço de descanso e, em todos os casos, há a possibilidade de um percurso lateral, que funciona como charneira entre as diversas agregações, como representado na figura 39.

Destaca-se que é essencialmente através do desenho conjunto entre área de ocupação e área de circulação em cada módulo que este consegue suportar uma flexibilidade genuína entre espaços. É de notar que esta mesma lógica de ocupação e circulação definiu os princípios da malha urbana, demonstrando aqui uma coerência projetual. A expansão dos elementos, assim, é dada através da separação entre estrutura e compartimentação, implicando um sistema construtivo leve e com poucos resíduos, em hamornia com os princípios de decrescimento.

A proposta para a unidade habitacional, neste sentido, assenta num conjunto de peças desmontáveis que podem ser agregadas a depender das necessidades do morador. São definidos elementos “kits” que permitem uma variedade de forma e uma quantidade ilimitada de agregações, nomeadamente: o módulo da estrutura, os elementos de preenchimento, que definem as fachadas da casa expressos na figura 39, os módulos para as infraestruturas (cozinha, casa de banho e escadas para acesso vertical), um deck para extensão exterior da casa e a cobertura, que pode ser orientada a depender dos modos de ocupação.

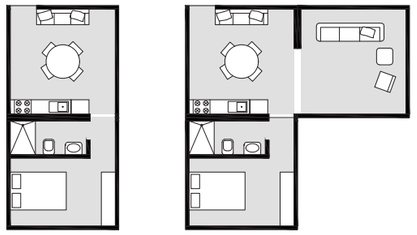
Tal como para o planeamento da malha urbana desenvolvida, a ocupação dos lotes pelas unidades habitacionais também é definido através de um limite máximo de ocupação e de permeabilidade do solo. Após a análise anteriormente realizada sobre a porosidade do solo na área de estudo, foi definido uma ocupação máxima por lote de 50% e um percentual de permeabilidade mínima de 40%, permitindo assim uma conjunção de espaços exteriores diversos. As habitações podem crescer verticalmente até um piso também através dos módulos, cujo sistema estrutural comporta esta flexibilidade.

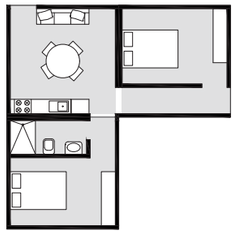
F39

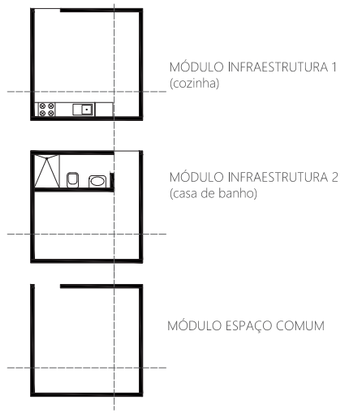




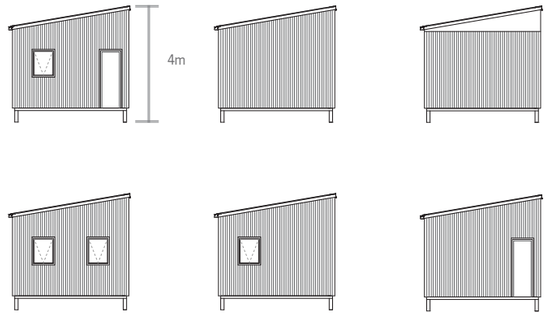
EXEMPLOS-BASE DE DIVERSAS TIPOLOGIAS COM POUCOS MÓDULOS



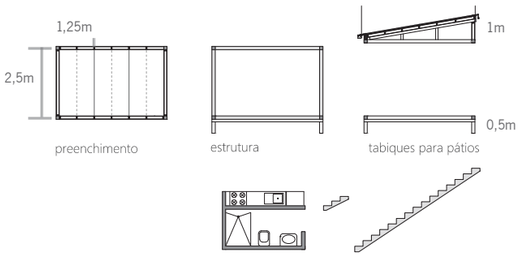




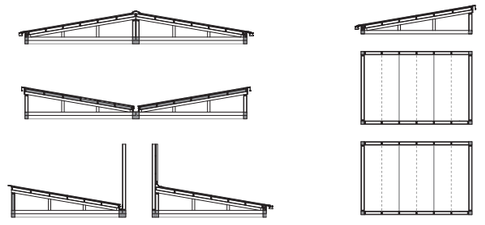
POSSÍVEIS ALÇADOS DE PREENCHIMENTO



CONJUNTO DE PEÇAS “KITS”



POSSIBILIDADE DE ENCAIXES COM A COBERTURA



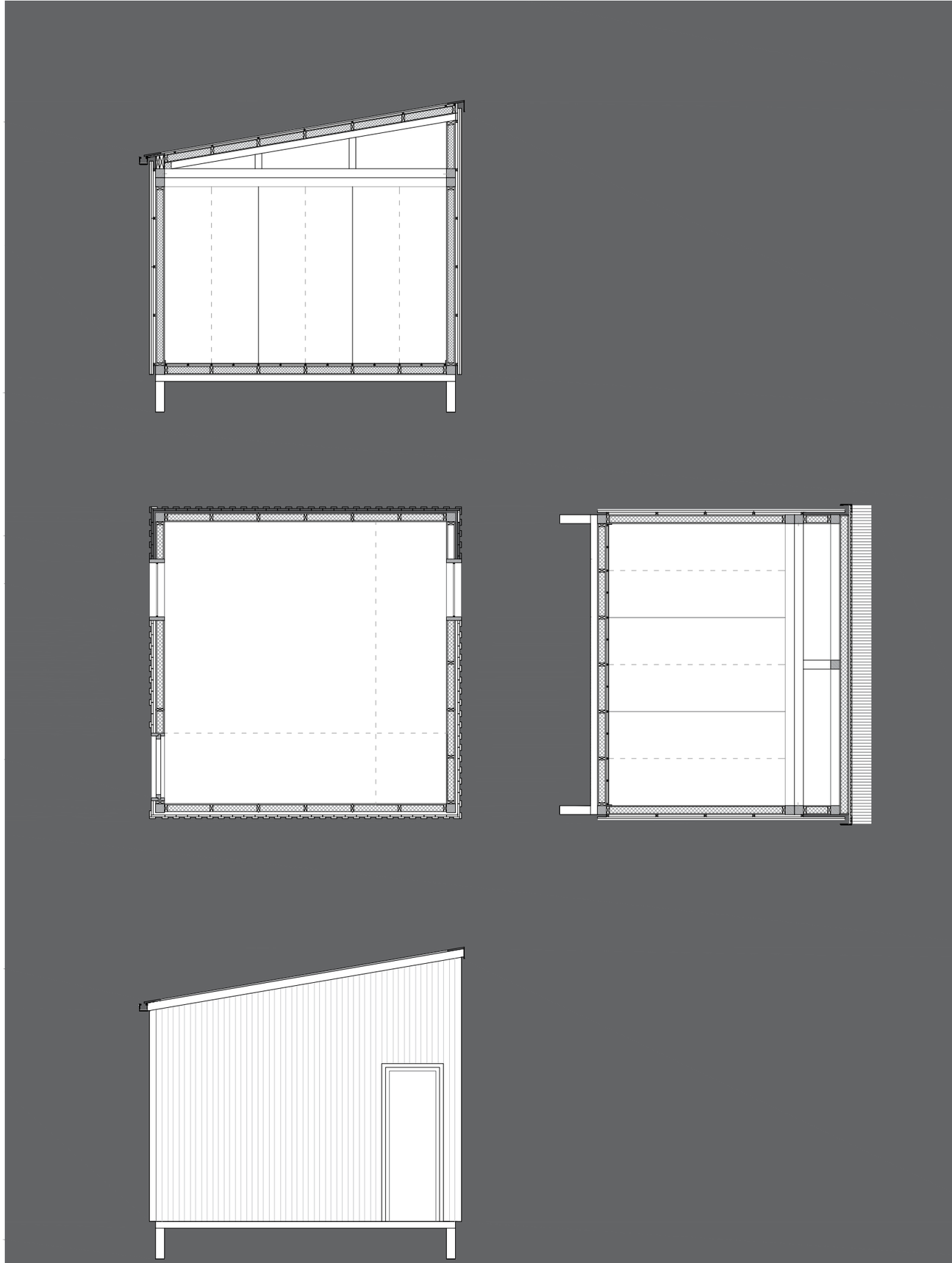
Lógica construtiva

A solução construtiva aqui é fundamental para concretizar os princípios de flexbilidade enunciados. Para tal, foi escolhido um sistema estrutural de madeira, com o objetivo de facilitar montagens, e sistemas mecânicos de fixação para minimizar resíduos e gastos com material e permitir expansões futuras. O preenchimento é feito por contraplacados, que são facilmente removíveis e reutilizados para novos espaços.

Para permitir uma expansão horizontal e vertical dos módulos, definiu-se que a métrica de fixação se encontra sempre entre pilares, a partir de elementos metálicos simples de junção horizontal e inserts metaliccos pré planeados nos encaixes verticais, para suportar uma possível expansão . As coberturas também são variáveis, através das suas esquinas, onde a estrutura base prevê espaço para a colocação de calhas ou a desmontagem de parte da cobertura, como representado na figura 40.

Assim, a proposta assume uma lógica de coordenação modular baseada nas dimensões *standard* das placas de madeira tipo OSB. Destaca-se que a malha estrutural organiza-se segundo módulos regulares, enquanto os elementos de compartimentação e as aberturas são ajustados através de submódulos, permitindo reduzir desperdícios sem comprometer a flexibilidade espacial.

Destaca-se ainda que a estrutura é elevada por estacas de madeira, não só em alusão à formação dos palheiros palafíticos de Esmoriz mas também para resolver a questão das pequenas inundações no local de intervenção, mencionadas anteriormente.

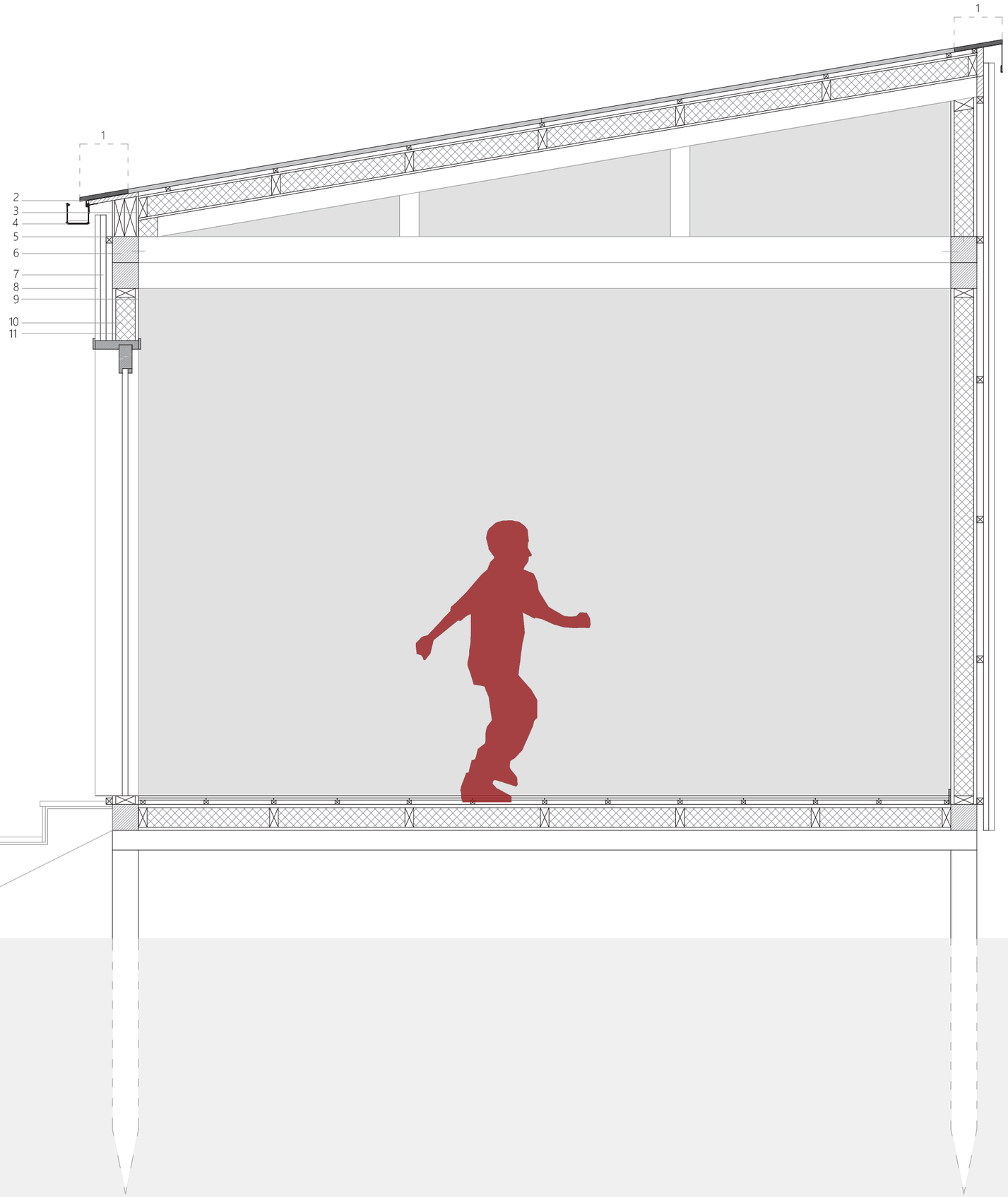


F40 | 1:60

UNIDADE HABITACIONAL

F41 | 1:20

1. Chapa corrugada metálica para finalização removível
2. Manta impermeabilizante
3. Barrote de suporte de OSB
4. Caleira
5. Tela para vapor
6. Viga de madeira, pinho, 15cm x 8cm
7. Tábua de madeira para revestimento, 2.5cm
8. Tábua de madeira para acabemento, 2.5cm
9. Placa de contraplacado OSB (1,25m x 2,5m), 1,5cm
10. Lã de rocha, 8cm
11. Placa de contraplacado OSB (1,25m x 2,5m), 1,5cm





Vivências

As tipologias de agregação resultantes são diversas e suportam as principais situações de agregado familiar encontradas no bairro: expansão da casa por nascimento, necessidade de separação ou coexistências de famílias no mesmo lote, criação de maiores espaços de cultivo e independência doméstica.

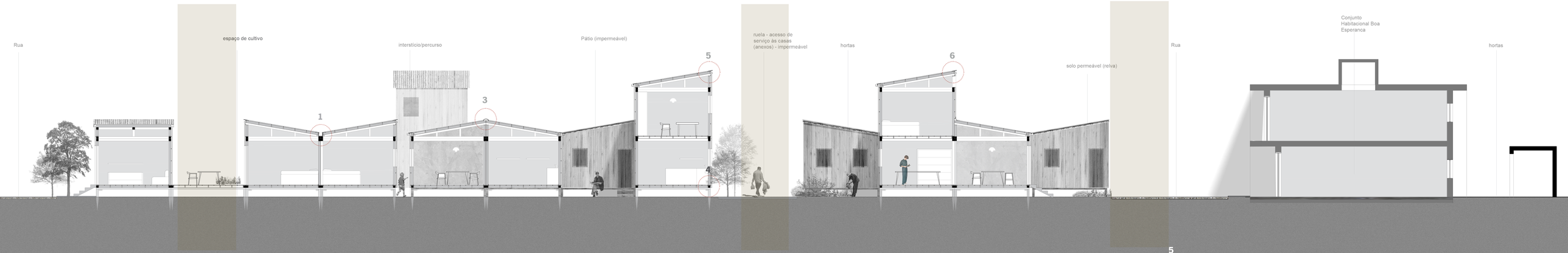
A figura 42 representa uma hipótese de desenvolvimento habitacional no bairro a partir de uma das agregações possíveis da malha urbana, traçada no subcapítulo anterior. É relevante inferir que, de forma a permitir um respiro entre loteamentos e uma transição adequada entre coberturas de diferentes módulos, foi determinada uma sub grelha, espaçada 15cm de distância do limite máximo de cada lote. Esta condição permitiu a formação de corredores pedonais interiores, também denominadas “vielas” pelos próprios ocupantes do bairro piscatório.

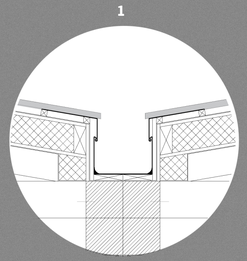
A conjunção entre a orientação orgânica dos loteamentos e espaços públicos e as possibilidades de expansão da casa criam dinâmicas do interior doméstico muito similares àquelas encontradas no território, especialmente através da diversidade nos espaços de transição, pátios de cultivo e momentos de convívio e proximidade. O espaço exterior torna-se uma extensão do espaço doméstico, resultando em dinâmicas de vivências mais complexas e relacionadas com aqueles que vão habitar o espaço.

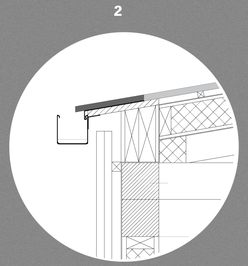
F42| PLANTA DE VIVÊNCIAS | 0 2 4 6m

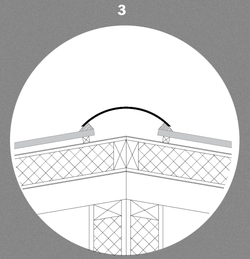
CORTE DE VIVÊNCIAS E DETALHES DOS SISTEMAS CONSTRUTIVOS

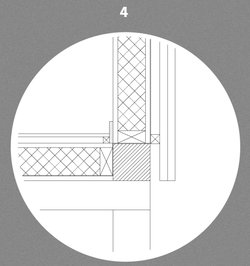
F43 | 1:100 | 1:10

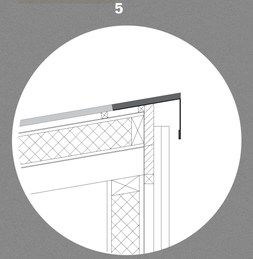


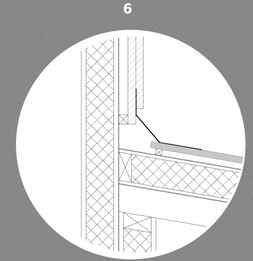











COMPARAÇÃO ENTRE O BAIRRO PISCATÓRIO, A PROPOSTA E A REALOCAÇÃO JÁ EXISTENTE

F44 | 1:200



FINAL



F45

Ao longo desta investigação, tornou-se evidente que os processos de transformação territorial e de realocação utrapassam a dimensão física da arquitetura, envolvendo questões diretamente relacionadas com a memória, identidade e continuidade comunitária. A análise da comunidade piscatória de Esmoriz permitiu compreender como o território é construído através das práticas quotidianas, das relações de proximidade e do vínculo coletivo desenvolvido ao longo do tempo, revelando que o sentido de permanência não depende apenas da sustentação do lugar físico, mas também da preservação das estruturas sociais e culturais que lhe dão significado.

O percurso desenvolvido desde a reflexão inicial sobre o decrescimento até à abordagem das autonomias comunitárias e produtivas contribuiu para consolidar uma visão da arquitetura enquanto ferramenta capaz de mediar processos de transição de forma mais sensível às realidades locais. Neste sentido, a proposta procurou responder não apenas às necessidades funcionais de habitação, mas também à continuidade das vivências coletivas e do sentimento de pertença da comunidade.

A realização do presente projeto também expandiu a noção pessoal de território e urbanismo, na medida que o estudo aprofundado de teorias de agregação e desenvolvimento suburbano permitiu inverter muitas das lógicas consideradas padrão para as dinâmicas atuais, expondo formas alternativas de vizualizar a cidade que nos rodeia.

Por fim, a lógica flexível do projeto aproxima-se da ideia de *palimpsesto* (André Corboz, 1983), entendendo o território como uma construção contínua feita de sobreposições, adaptações e permanências. Mais do que um objeto fixo, o projeto é pensado como uma estrutura aberta à transformação e à apropriação ao longo do tempo, capaz de acompanhar as dinâmicas da comunidade sem perder a sua identidade coletiva.

Ao invés de apresentar uma solução definitiva, o trabalho pretende contribuir para a reflexão sobre o significado do habitar perante contextos de deslocamento e vulnerabilidade territorial, definindo lógicas capazes de conciliar a transformação e a continuidade através da memória coletiva e da identidade local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

O problema da costa

Autarquia. (n.d.). Site Autárquico da CM Ovar Urbanismo e Planeamento. https://www.cm-ovar.pt/pt/menu/150/urbanismo-e-planeamento.aspx

Dados sobre a Freguesia Esmoriz (Ovar) - GEO API PT. (n.d.). GEO API PT. https://geoapi.pt/municipio/ovar/freguesia/esmoriz?mapa=3

Agência Portuguesa do Ambiente, I.P. (2020). Cartas de Zonas Inundáveis e Cartas de Riscos de Inundações da RH4A – Vouga, Mondego e Lis (Departamento de Recursos Hídricos, Ed.). https://apambiente.pt/sites/default/files/_Agua/DRH/ParticipacaoPublica/PGRI/2022-2027/2_Fase/PGRI_2_RH4A_Relatorio_Cartografia.pdf

Visualizador SNIAMB | SNIAMB. (n.d.). https://sniamb.apambiente.pt/content/geo-visualizador

ArcGIS Web Application. (n.d.). https://apambiente.maps.arcgis.com/apps/webappviewer/index.html?id=5f4719ecda704e949fc6ee3d61fb3cf4

Conjunto Habitacional da Praia de Esmoriz | Artigos | ANTEPROJECTOS. (n.d.). ANTEPROJECTOS. https://www.anteprojectos.com.pt/artigos/53406/conjunto-habitacional-da-praia-de-esmoriz

Teorias de desenvolvimento urbano

Saieh, N. (2019, October 24). Habitação Monterrey / ELEMENTAL. ArchDaily Brasil. https://www.archdaily.com.br/br/01-30335/elemental-monterrey-elemental

Théliol, M. (2011). Le Service des beaux-arts, antiquités et monuments historiques, clef de voûte de la politique patrimoniale française au Maroc sous la résidence de Lyautey (1912-1925). Outre-mers, 98(370), 185–193. https://doi.org/10.3406/outre.2011.4545

Girot, C., & Truninger, F. (2014). Landscape Vision Motion: Visual Thinking in Landscape Culture. Walter de Gruyter GmbH & Co KG.

Itma, M. (2019). ATBAT-Afrique housing, in Casablanca-Morocco, By Candilis and Wood 1953 [Figura]. ResearchGate. https://www.researchgate.net/figure/ATBAT-Afrique-housing-in-Casablanca-Morocco-By-Candilis-and-Wood-1953-To-the-left-the_fig1_331639178

Archives de l'imaginaire: Reda Berrada / Random. (n.d.). https://www.lapisarchive.org/collection/reda-berrada

Studies, M. J. H. L. O. A. (1972). Catalog of the Melville J. Herskovits Library of African Studies, Northwestern University Library (Evanston, Illinois) and Africana in selected libraries. Boston : G. K. Hall.

Reis, Ana (2015). Dicotomia entre a zona piscatória e a zona balnear. FCTUC.

Nunes, F. O. (2003). O trabalho faz-se espectáculo: a pesca, os banhos e as modalidades do olhar. Etnografica, 7 (1), 131–158. https://doi.org/10.4000/etnografica.2877

Calabuig, D. D., Gómez, R. C., & Cueco, J. T. (2011). Del mat-building a la ciudad en el espacio. BAc Boletín Académico Revista De Investigación Y Arquitectura Contemporánea, 1, 54–62. https://doi.org/10.17979/bac.2011.1.0.963

Álvarez-Lombardero, L. (2010). Mat Building: la promesa de asociación espacial. Ra-revista De Arquitectura, 12(12), 53–60. https://doi.org/10.1353/lm.2003.0002

Marot, S. (2006). Suburbanismo y el arte de la memoria. Gustavo Gili.

Calabuig, D., Castellanos Gómez, R., & Ábalos Ramos, A. (2013). The Strategies of Mat-building.

CRÉDITO DE FIGURAS

F05 - Planta de análise geral do bairro piscatório de Esmoriz // de autoria própria

F06 - Planta de análise viária do bairro piscatório de Esmoriz: percursos pedonais, vielas e ruas. // de autoria própria

F07 - Planta de análise da porosidade do solo do bairro piscatório de Esmoriz // de autoria própria

F08 - Planta de análise das construções informais do bairro // de autoria própria

F09 - Esquemas das tipologias do bairro // de autoria própria

F10 - Planeamento urbano para Esmoriz, 1902 // acesso público

Fonte: REIS, Ana, 2015

F11 - Fotomontagem de sobreposição das cartas militares de Esmoriz (devido ao caráter especulativo, não apresenta escala concreta) // de autoria própria, com base na carta militar de 1948 (acesso público)

F12 - Fotomontagem de sobreposição das cartas militares de Esmoriz (devido ao caráter especulativo, não apresenta escala concreta) // de autoria própria, com base na carta militar de 1975 (acesso público)

F13 - Fotomontagem de sobreposição das cartas militares de Esmoriz (devido ao caráter especulativo, não apresenta escala concreta) // de autoria própria, com base na carta militar de 1996 (acesso público)

F14 - Fotografia de vivências // autoria própria

F15 - Fotografia de um espaço intermédio // de autoria própria

F16 - Fotografia de um palheiro de Esmoriz // de autoria própria

F17 - Planta esquemática do interior dos palheiros // de autoria própria com base em documentos sobre os palheiros portugueses.

Fonte: REIS, A. R. A., *Dicotomia entre a zona piscatória e a zona balnear: Espinho, Esmoriz e Furadouro*, Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2015, p. 106.

F18 - Mapeamento dos palheiros existentes de Esmoriz // de autoria própria

F19 - Conjunto de imagens e levantamentos dos palheiros de Esmoriz // de autoria própria

F20 - Fotogmontagem das edições de A voz de Esmoriz // de autoria própria, com fotografias de autoria do grupo de Atelier Integrado (Isabela Coutinho, Isabella Borges e Margarida Silva)

F21 - Fotografia de uma página do Jornal de Esmoriz na parede do café Barra Mar's // de autoria própria

F22 - Fotografia do interior do bairro piscatório // de autoria própria

F23 - Planta esquemática das mudanças na casa de uma moradora de Esmoriz ao longo do tempo // de autoria própria

F24 - Levantamento das vivências na casa de uma moradora, passado // de autoria própria

F25 - Levantamento das vivências na casa de uma moradora e fotografia de materiais de pesca, atual // de autoria própria

F26 - Fotografia do quintal da moradora // de autoria própria

F27 - Corte síntese das vivências do bairro piscatório // de autoria própria

F28 a 31 - Levantamento fotográfico do ambiente de Esmoriz // de autoria própria

F32 - Esquema dos elementos da pertença que formam a estratégia de intervenção // de autoria própria sobre fotomontagem realizada em grupo no Atelier Integrado, de autoria de Isabella Borges, Margarida Silva e Isabela Coutinho

F33 - Esquema que demonstra área realocada e área de intervenção // de autoria própria

F34 - Lógica dos elementos-base da nova malha urbana // de autoria própria

F35 - Planta que demonstra porosidade do solo e loteamentos da área a ser realocada // de autoria própria

F36 - Esquemas com lógica de assentamento da malha urbana e dimensões dos lotes // de autoria própria

F37 - Esquemas de hipóteses de agregação da malha urbana // de autoria própria

F38 - Planta de localização da proposta // de autoria própria

F39 - Esquemas lógica do programa interior, tipologias e peças construtivas // de autoria própria

F40 - Sistema construtivo da proposta // de autoria própria

F41 - Pormenor da unidade habitacional, 1:20 // de autoria própria

F42 - Planta que representa as vivências no novo bairro // de autoria própria

F43 - Corte que sintetiza as vivências do novo bairro // de autoria própria

F44 - Comparação entre bairro piscatório e proposta // de autoria própria

F45 - Fotografia de um azulejo presente num dos cafés do bairro piscatório, pintado pela artista e filha de um pescador Sra. Lérias, que representa o barco do marido da sua amiga Susana // de autoria própria

ANEXOS

F46 - Inventário dos palheiros de Esmoriz em caderno de desenhos // de autoria própria

F47 - Fotografia do palheiro verde de Esmoriz // autoria do grupo de Atelier Integrado (Isabela Coutinho, Isabella Borges e Margarida Silva)

F48 - Inventário dos palheiros de Esmoriz em caderno de desenhos // de autoria própria

F49 - Fotografia do palheiro verde de Esmoriz // autoria do grupo da UC de atelier integrado (Isabela Coutinho, Isabella Borges e Margarida Silva)

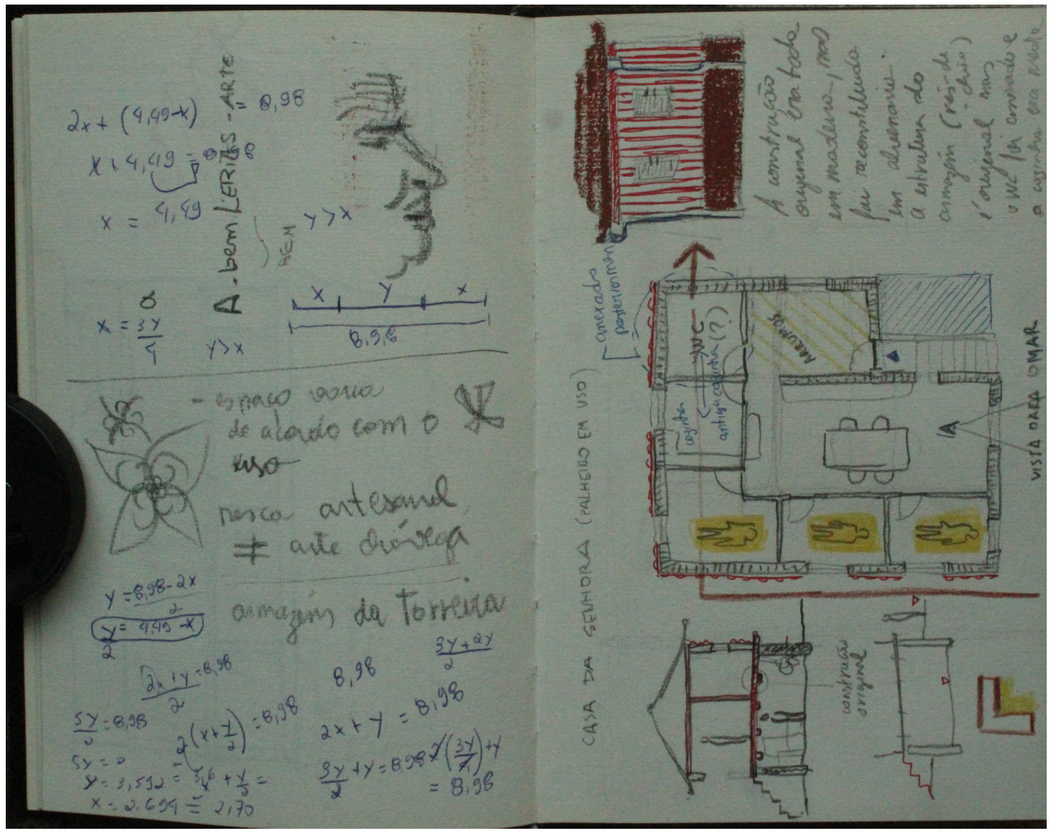
F50 - Fotografia de plantas antigas da casa de uma moradora de Esmoriz // de autoria própria a partir do acervo pessoal da moradora entrevistada (prefere manter nome próprio em anonimato)

F51 - Fotografia de plantas antigas da casa de uma moradora de Esmoriz // de autoria própria a partir do acervo pessoal da moradora entrevistada (prefere manter nome próprio em anonimato)

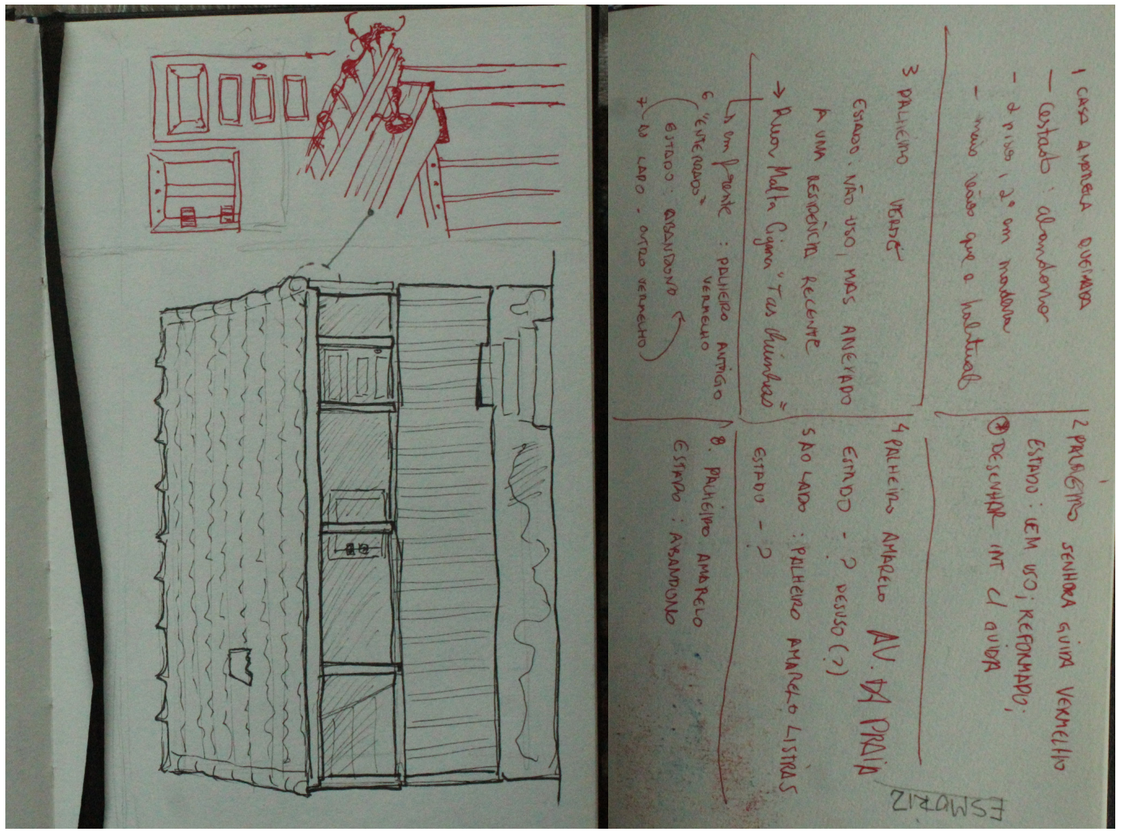
F52 - Fotografia do esquema de vivências da casa de uma moradora // de autoria própria sobre desenho realizado pela moradora entrevistada (prefere manter nome próprio em anonimato)

F53 - Esquissos iniciais que deram origem ao projeto de tese // de autoria própria

F54 - Fotografias do exterior do café Barra Mar's // de autoria própria



F46 | Inventário dos palheiros de Esmoriz em caderno de desenhos



Inventário dos palheiros de Esmoriz em caderno de desenhos | F48



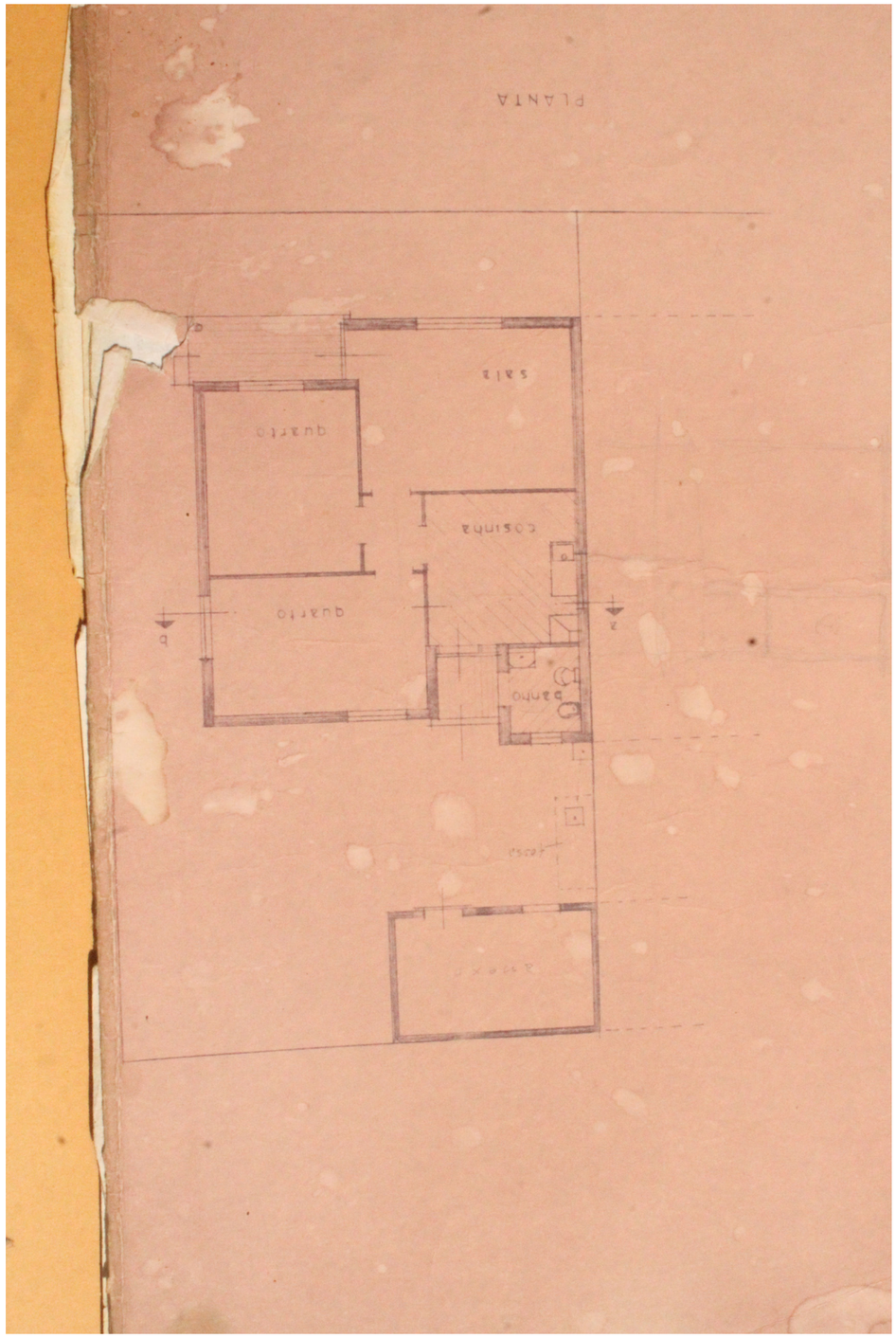


F47 | Fotografias do interior e alçado do palheiro verde de Esmoriz

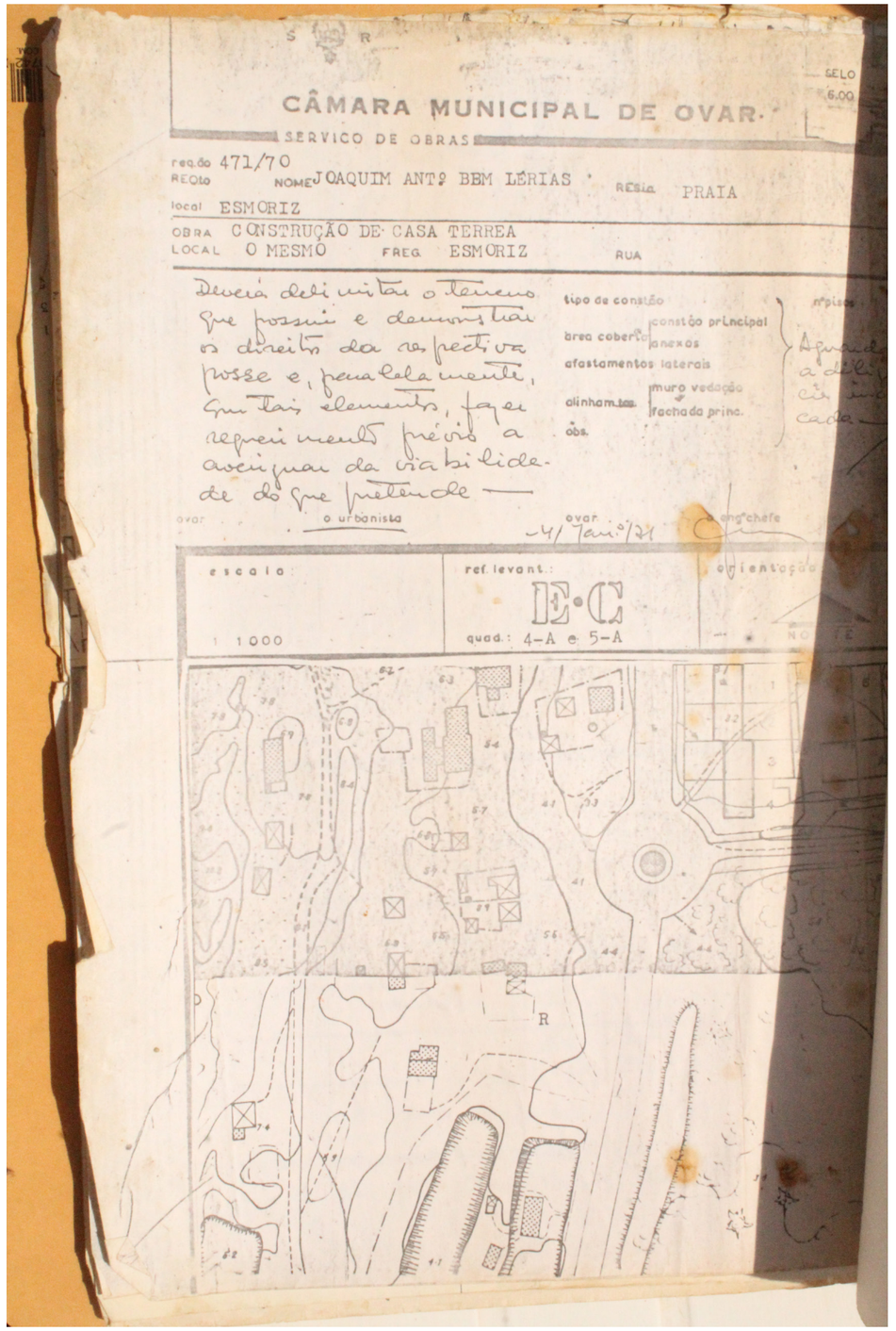




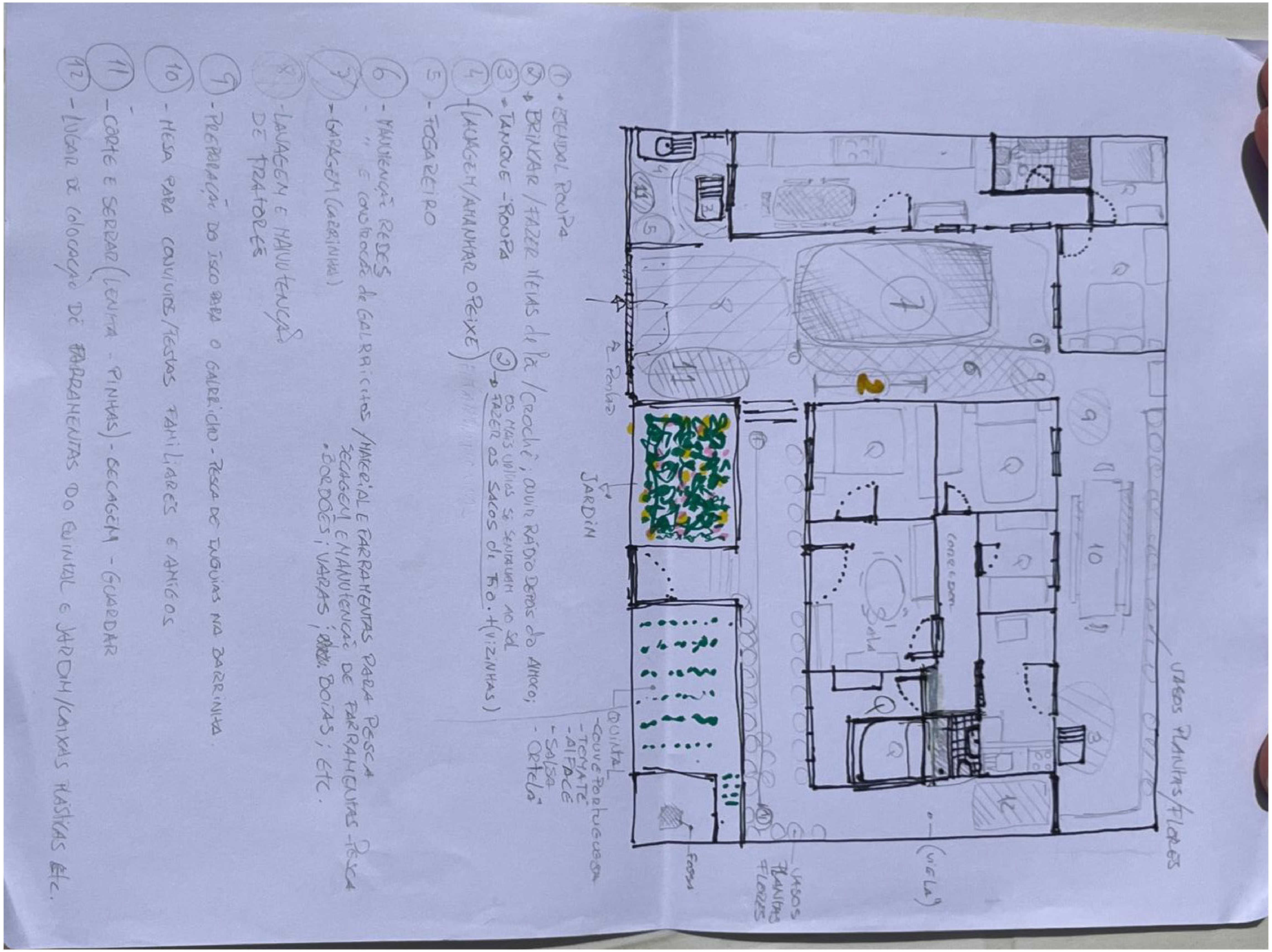
Fotografias do interior e alçado do palheiro verde de Esmoriz | F49



F50 | Fotografia de plantas antigas da casa de uma moradora de Esmoriz



Fotografia de plantas antigas da casa de uma moradora de Esmoriz | F51



F52 | Fotografia do esquema de vivências da casa de uma moradora

Livro - manifesto sobre o ensino da História de Portugal sob uma perspetiva decolonizadora

—> forma eurocêntrica como os manuais estruturaram a narrativa

—> ausência de vozes não europeias

—> Portugal representado como "pioneiro civilizador"

Título: um manifesto decolonial

Estruturar: 2 vertentes

adquerir o livro manifesto: riscar
reescrever
colagens
reentrapretrar

criar um livro novo

reescrever
~~(colagens)~~
adicionar conteudos

seleção dos temas

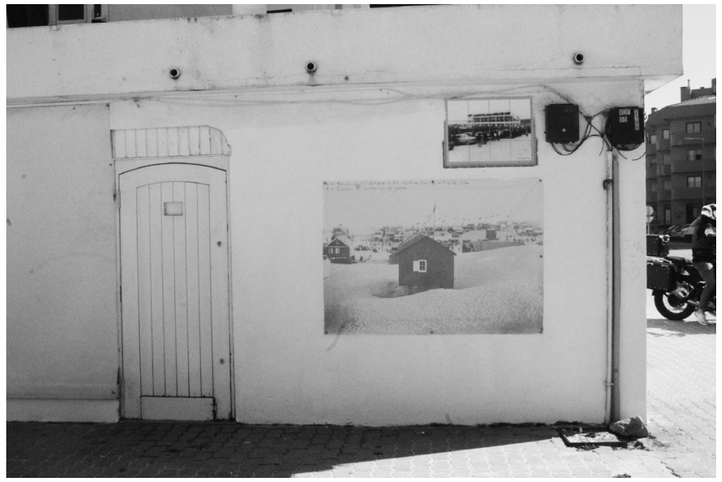
Cap. 1 - "Abertura ao mundo"
↳ já havia cultura antes da chegada europeia
↳

material favorável??

Esquissos iniciais que deram origem ao projeto de tese | F53







Fotografias do exterior do café Barra Mar's | F54

ENTREVISTAS

(Realizadas em grupo durante Atelier Integrado, no complexo de casas sociais de realocação da primeira faixa da costa, Boa Esperança, em conjunto com as colegas Isabela Coutinho, Isabella Borges e Margarida Silva)

Guida - Olá, boa tarde, nós somos 3 estudantes da Universidade do Minho e estamos a fazer um trabalho para a nossa tese final e gostaríamos de saber se vocês têm alguma relação com a atividade piscatória.

Senhora 1 - Olha já fiz muitas vezes isto mas agora já nem me lembro; a gente já no tempo passado viveu ali por muitos anos, era palheiros... já fiz tantas entrevistas, e agora já nem me lembro... A minha prima sabe falar melhor, que ela é pescadora; mas agora tá doente... Olha lá (pergunta para a prima), já não me lembro do tempo da nossa pesca, elas querem uma entrevista sobre a atividade piscatória. Eles já acabaram com tudo.
Senhora 2 (prima) - Já até fiz uma entrevista para o jornal...

Guida - se puder partilhar um bocado então a sua história conosco...
Isabela - então, ainda trabalham de alguma forma com a pesca, mesmo que por laser?

Senhora 2 - não, estou doente, mas...
Senhora 1- mas é assim: nós aqui agora só temos 1 barco, em Esmoriz acabaram com quase tudo. Porque é assim, os donos do barco também pararam, alguns morreram; trabalhei por muitos anos no arranjo ali, mas muita gente que conhecia já morreu e os filhos agora não querem nada disso. Só quem tem um barco é lá os filhos do... lá no Furadouro, mas aqui em Esmoriz não temos quase nada.

Isabela - uma pena, mas vocês então acham que esta realocação para o novo bairro foi boa ou não muito?

Senhora 1 - Foi bom.
Senhora 2 - É, foi muito bom, porque nós lá vivíamos nuns barraquinhos e não tínhamos assim as condições que temos aqui, é verdade; a gente andava sempre a se proteger, o mar vinha a bater, caía nos telhados, a gente andava ali... prontos, então não tínhamos as condições que temos aqui. Mas, para lhe ser sincera, eu preferia o meu cantinho ali...
Senhora 1 - estávamos habituados ali, foram muitos anos...
Senhora 2 - Ainda de manhã ela na água do mar a surfar e eu ia lá aos montes de areia: bora comer!!
Senhora 1 - *(risos)* sim, aquelas zonas que tínhamos por ali fora...

Isabela - e o que é que sentem mais falta desta relação com o mar?
Senhora 2 - eu sinto mais falta é do meu cantinho, mesmo. Eu punha a roupa a secar e tava a ver o mar...
Senhora 1- tínhamos cordas lá nos montes, e víamos o mar, a canalha a tomar banho... tempos que vão e não voltam, custa muito - criar os nosso filhos, lavar a mão lá...

Senhora 2 - havia mais humildade, mais camaradagem...
Senhora 1 - sim, mais amor, acho que as pessoas agora... eu vou vos dizer: as tecnologias são precisas, mas às vezes nem tanto...

Isabela - e sobre esta questão da comunidade, vocês acham que é possível criar alguma estrutura que reforce a conexão das pessoas como antes? Algo feito para toda a comunidade?

Senhora 2 - Não, querida, não há como... já não é como antigamente a mentalidade das pessoas. O tempo dos nossos pais, que a minha mãe cozinhava à minha tia, às outras pessoas, à ?Lume?...
Senhora 1 - ai meu Deus, queria ver as minhas filhas a aquecer a comida...
Senhora 2 - Tínhamos aquele café, o café "Borra"...
Senhora 1 - tempos que vão e não voltam, temos muitas saudades disso
Senhora 2 - era muito bom o temwpo dos nossos pais...
Senhora 1 - meu pai fez aquela casinha, aquela ali de azulejo, com tanto sacrifício para nos criar... e sabes o que nós fazíamos: íamos viver para um palheiro naquela zona, que ele fez, alugava isto com água e luz, e nós íamos viver os 3 meses de verão a candeeiros, à velas de antigamente!! E andávamos a pedir às senhoras que alugavam as casinhas pão, fruta, ai estes tempos...
Senhora 2 - E naquela época não tínhamos televisão, a única televisão que havia era num Tacho que havia ali, e a gente ia lá ver a televisão e a mulher tava-nos sempre a esculachar (risos) ou íamos ver a minha tia.
Senhoras 1 - É, a minha mãe foi a primeira de nós a ter televisão
Senhora 2 - e a minha tia não nos deixava sentar no sofá! Era no chão...
Senhora 1 - Pois era no chão, e a minha mãe foi a primeira a comprar uma televisão, na Philips, e nós, quando dava Fátima, íamos todos para lá, para a sala, assistir *(risos)*
Senhora 2 - Porque isto não é nada do que é agora, isto agora mudou muito. Tínhamos lá o Campismo, que era ali, depois outras coisas lá (...)
Senhora 1 - mas acho que éramos mais felizes...
Senhora 2 - não há tanta humildade, não há aquelas amizades que a gente notava que eram amizades, agora não... agora é uma falsidade de todo tamanho, porque é assim: quanto mais têm, mais querem, depois também só pensam neles e há muito egoísmo.

Isabela - É assim, nós somos estudantes de arquitetura, e o nosso objetivo era esse, tentar encontrar alguma forma de reviver ou de contribuir para este senso de comunidade que os pescadores tinham, ou maior solidariedade e autonomia entre as pessoas que agora está a se perder... por isso, vocês acham que algum projeto de habitação ou infraestruturas poderia de alguma forma ajudar? Alguma estrutura comunitária para as pessoas que precisam mais ou assim, para os pescadores que ainda trabalham nisso?

Senhora 1 - Pois, pois, isto era preciso, nós agora temos um centro ali que ajuda com alimentos, para as pessoas que mais necessitam...

Isabela - E se fosse mais habitação, acham que valia a pena?
Senhora 1 - Olha fizeram estas, mas era para fazerem aqui mais 30. Eram 60, estas aqui são 30. Mas nunca mais ouviu-se nada sobre isto...

Isabela - e se fosse possível fazer, acham que valia a pena?

Senhora 2 - sim, sim
Senhora 1 - então, estão tantos casais, jovens que não conseguem pagar uma renda, que para eles isto...
Senhora 2 - Sim eles iam ter que pagar a renda, mas era menos...

Isabela - e iam preferir o pessoal que já é daqui ou podia ser qualquer pessoa?

Senhoras (ambas) - não, não, não, pessoas de fora acho que não
Senhora 1- foi muito mal feito. Há pessoas aqui a viver que não é daqui, que não é barreiro, não era pescador, era de paramos, outros daqui, outros só lá de cima...isso já não acho justo, devia ser da zona
Senhora 2 - a comunidade piscatória precisa mais, nós nascemos aqui e vamos morrer aqui, se Deus quiser não é, e há muitas necessidades nas pessoas piscatórias... e muitos dos governantes não vêem isto, não vêem mesmo! E se os nossos filhos, graças a Deus, estão todos encaminhados, nós...
Senhora 1 - pá não há trabalho, olha, trabalhamos quatro meses no verão, agora está parado... Do que é que eu vou viver? Pagar aluguel...

Isabela - pois... mas então a vossa relação com o mar ainda é de proximidade ou já não?

Senhora 2 - sim,sim, a gente gosta, mas custa muito ir ali ver o mar, no sítio onde eu vivia, fico muito triste, ver que foi tudo abaixo...
Senhora 1 - Nós para caminhar até lá tínhamos que levar quase meia hora para tomar banho, uiiii... era lá nas bainhas
Senhora 2 - pessoal passava muita fome, necessidade, não tinha tempo de fazer outras coisas, mas éramos mais felizes
Senhora 1 - Meu pai trabalhou em Matosinhos até os 55 anos.
Senhora 2 - o pouco que havia para comer, nós dividíamos...
Senhora 1 - nós ajudávamos uns aos outros!! Tu tinhas um bocadinho de dinheiro e era: "olha vai lá buscar o frango e fazemos um tacho de massa", que dava para duas famílias, e agora não...
Senhora 2 - Nós íamos fazer sopa e dávamos para todos, havia aquela cumplicidade, camaradagem. Agora estes jovens tá tudo estragado, tá tudo... eles agora já nem sabem o que é passar fome, o que é mesmo passar mal...

Senhora 1 - e agora já nem querem sopa! Nós comemos, mas eles é pizza, é hamburguer (risos), é batata frita...
Senhora 2 - Eles já nem querem peixe!!
(...) (Conversas paralelas com outros vizinhos)
Senhora 1 - olha esta aqui, o marido traz peixe de Matosinhos, queremos umas sardinhas e ela ainda vende-nos! Vende as sardinhas para nós assarmos, vai vender aqui à porta... é a única que ainda faz isto, apesar do marido já estar reformado e tudo. Vende mais baratinho, nós vamos lá e compramos!
Isabela - e é o trabalho principal?

Senhora 2 - sim, é o trabalho principal dele

Isabela - e como é que vocês vêem o futuro desta comunidade?

Senhora 2 - Acho que só vai piorar... acho que não vai melhorar, só se houver uma grande reviravolta! Isto é a mentalidade de cada um, nem todos pensamos da mesma maneira; ainda há aquela mentalidade de: se vier um carro a parar na porta, pensam "olha quem será que é, é a "manta"?, estas porcarias... mas é o que eu digo, nós quando éramos pequenitos não tínhamos fatos de banho nem nada para tomar banho, era cuecas e toalhas, mas éramos tão felizes...
Senhora 1 - para nós, as toalhas eram a areia quentinha...
Senhora 2 - meu avô tinha lá barcos e isto, então nós íamos pedir às senhoras um bocadinho de pão e ela levava (risos nostálgicos) a gente era feliz, dividíamos e tudo
Senhora 1 - sabe o que é que eles ganhavam na Barrinha? Que dava muito dinheiro? As enguias.. olha, as rolhas que dei como menina, às calcadelas, (...) e às vezes elas escorregaram na água (risos), temos saudades... ai, meu pai à fisga... os *rebacos* que eram tão bons...
Senhora 2 - meus pais era assim, não tinham muito que nos dar a comer, mas o que tinham sabia-nos pela vida!! Agora não... eu acho que os filhos agora é: nem respeitam os pais nem nada, não há respeito! É só andar aí nas redes sociais e não sei o quê...
Senhora 1 - uma criança de 2 anos nos telemóveis sabe mexer melhor que eu, que tenho 59 anos!!
Senhora 2 - mas depois na escola, não aprendem nada...
(chega a filha da senhora 1) (...) - conversas paralelas
Senhora 1 - mas como antigamente, nunca mais, acho que tempos vão e não voltam...

Isabela - mas então acham que há algum ensinamento vosso, relacionado com esta comunidade da pesca, que possam nos dar? Que nós não temos ou já perdemos? Sobre a comunidade ou sobre a forma como era o trabalho?

Senhora 2 - sim, sim, a gente tem saudades é disso, a gente queria é isso, isso fazia-nos felizes, a gente ia buscar um bocado de peixe ou ia à loja, chegamos a puxar à mão a corda da pesca...

Senhora 1 - botávamos o barco ao mar, lançávamos a rede, chegou a haver os ?“bojos/boijos”? que chamava, e depois começou os tratores, depois ??raladores/lavradores??, a gente só a escolher os peixes da praia nos balneários... apanhava-se carapaus, fanecas, sardinhas...
Senhora 2 - a minha mãe, por exemplo, digo a minha mãe mas havia muitas como ela por aqui, ia com uma bacia ou como fosse, punha-se em cima a pé e traziam batatas, traziam cebolas e isto, para nós comermos, e depois havia esta troca...

Isabela - então tinham muita autonomia?

Senhora 2 - sim,sim, com certeza, era bom, muito bom, agora... eu gosto da minha casa, tenho melhores condições e tudo, mas sinto aquele vazio... as pessoas já não saem à rua, um vazio ali... eu tenho um filho que mora ali, fez agora 32, ele tinha um gatinho já há anos com a companheira, o gato morreu e ele veio, a chorar os dois, e foi enterrar aonde nós vivíamos; ele disse “oh mãe, meu povo tinha que ir para lá...” mesmo a eles custa não viver lá, porque também foram criados lá...
Senhora 1 - Eu ainda tenho uma bacia que lavava as minhas filhas, há 37 anos por aí; eu agora tenho a mais velha com 43 e esta com 40, eu lavava-as e aquecia água a lume, enchia a bacia e lavava com uma caneca
Filha - Depois quando éramos grandes tinhamos que por primeiro a cabeça depois só o corpo (risos)
Senhora 2 - mas foi uma infância feliz...

Isabela - e ainda têm contacto com o pessoal daqui?

Senhora 2 - sim,sim, toda a gente aqui fala com toda a gente, mas é diferente... é um convívio totalmente diferente;
Filha - sim é um convívio totalmente diferente, as pessoas aqui estão a isolar-se muito, fechar-se muito, ali não, tava sempre gente cá fora, nós miúdos brincávamos cá fora até às 10 da noite... nós agora não, agora os miúdos é outras infâncias; eu tenho um filho que já tem 17 anos mas ele ainda jogou muito a bola aqui e tudo, agora também tem outras atividades que levam muitas horas não é, mas o meu brincou aqui muito, ali naquele pinhal, mas agora não é igual.
Senhora 2 - juntávamos todos ali nos montes de areia...
Filha- nós iamos todos tomar banho nos tanques depois marcamos de ficar só até as 7h da noite, mas às vezes ficávamos até as 8h e elas com a vassoura a espera para nos dar (risos), eu com a filha da minha madrinha pa levamos tantas pancadas (risos)
Senhora 1 - eu joguei o pinhão, eu joguei a sameira, joguei ao elástico, nós jogávamos a tudo... o mar batia, as pessoas iam para a praia e perdeu-se muito ouro, antigamente, nas barracas...
Senhora 2 - mas agora nem sabem o que é isso! Às vezes eu digo aos meus filhos, olha eu já joguei aquilo, olha, antigamente tínhamos aquilo, e eles “Que isso?” Era a macaca, os elásticos, as escondidinhas...
Filha - Não valorizam tanto agora...
(conversas paralelas) (...)

Senhora 2 - a nossa família era mais humilde, mais unida, não tínhamos (algo) íamos no dia seguinte comer à casa da tia, do amigo, e era assim...

Isabela - não acha mesmo que há alguma forma de reverter esta situação? Criar algum centro para reviver as memórias antigas ou permitir mercados para os pescadores que ainda trabalham na região?

Senhora 2 - ah sim, isto sim, se houvesse era bom...
Guida - juntava-se todos e os mais novos aprendiam com vocês
Senhora 1 - olha, sim, eu vivi muito esse tempo
Senhora 2 - o Campinho, ter aqui, era bom, para as pessoas conhecerem...
Filha - o problema é que as pessoas deixam morrer as tradições - e depois não há ajudas para estas tradições continuarem...
Senhora 1 - é assim, há coisas que não são necessárias que o governo faz, e há outras que são necessárias e ele não faz aqui, não gastam dinheiro nessas coisas...
Senhora 2 - aquela casa que está ali, tem lá tratores e tudo, que o senhor era arranjador de arte chávena, e ele tinha a campanha, mas também parou..., botaram tudo abaixo mas ele ainda tem lá as coisas. É estas coisas, é tudo um bocado nosso, mexe com a gente...

Isabela - Obrigada pelo depoimento, vamos tentar ao máximo considerar a vossa opinião e, mesmo no âmbito académico, vamos tentar fazer com que essa tradição e cultura se mantenham, é o nosso objetivo.

Todas - Obrigada nós! Bom trabalho para vocês!